

AG. 2

TEU
100

JARDIM DA ESPERANÇA

"A OUTRA ESCOLA DAS CAMADAS POPULARES"

Análise de um caso

Luiz Alberto dos Santos

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS

JARDIM DA ESPERANÇA
"A OUTRA ESCOLA DAS CAMADAS POPULARES"
- Análise de um caso -

LUIZ ALBERTO DOS SANTOS

Dissertação submetida como requisito
parcial para obtenção do grau de Mestre
em Educação.

ORIENTADOR: Gaudêncio Frigotto

Rio de Janeiro
Setembro - 1983

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Victor V. Valla - pelo apoio que me emprestou durante o tempo que foi meu Orientador.

Ao Professor Gaudêncio Frigotto - pela amizade demonstrada ao aceitar orientar-me depois que o Prof. Valla foi demitido.

Ao Professor Antonio Ponciano Bezerra, pela paciência com que fez a revisão.

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa exploratória. Pesquisa esta, que tem como pressuposto básico, a vinculação entre educação e reprodução da força de trabalho. E também como educação e consciência/não-consciência andam juntas.

Preocupamo-nos basicamente como a questão consciência/educação é colocada para as camadas populares. Fizemos então a análise de caso para o "Jardim da Esperança". Conjunto feito para as camadas populares em Aracaju/Se. Observamos então como um dos elementos fundamentais para a reprodução do trabalho — a habitação, pela importância estratégica que assume diante das outras necessidades, é local privilegiado de educação/consciência. Local que é tomado pela burguesia.

Levantamos a história do "Jardim da Esperança", através dos jornais, o que nos levou a uma constatação preliminar, qual seja: os projetos educativos, destinados as camadas populares, são sempre desmobilizantes políticos dessas mesmas camadas.

R E S U M E

Ce travail est le résultat d'une recherche exploratoire dont le pré-supposé de base est le lien entre éducation et reproduction de la force de travail, tout en montrant aussi comme éducation et conscience/non conscience marchent ensemble.

Notre préoccupation primordiale est la question conscience/éducation est présentée aux couches populaires. Nous avons fait alors l'analyse de cas pour le "Jardim da Esperança". ensemble résidentiel bâti pour les couches populaires à Aracaju/SE. Nous avons remarqué alors qu'un des éléments fondamentaux pour la reproduction du travail est l'habitation, par l'importance stratégique qu'elle assume devant les autres nécessités, comme lieu privilégié d'éducation/ conscience et qui est pris par la bourgeoisie.

D'après les journaux, nous avons reconstitué l'histoire du "Jardim da Esperança". Cela nous a conduit à la suivante constatation préliminaire: les projets éducatifs destinés aux couches populaires sont toujours des démobilisants politiques de ces mêmes couches.

SUMÁRIO

	Pág.
INTRODUÇÃO	1
I - ENCAMINHAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PES- QUISA.	4
1.1 - Origem e Problemática.	5
1.2 - Procedimentos Metodológicos.	8
1.3 - Categorias de Análise.	10
II - GÊNESE DE UMA PROPOSTA - JARDIM DA ESPERANÇA .	20
III-EDUCAÇÃO/CONSCIÊNCIA/HABITAÇÃO	62
3.1 - A educação entendida como consciência de classes.	64
3.2 - Análise de caso - Como a habitação pode representar local de educação.	69
CONCLUSÃO.	83
BIBLIOGRAFIA	88

INTRODUÇÃO

A questão da habitação conduziu-nos a uma linha de raciocínio pouco ortodoxo no que se refere à educação. Pensamos a educação a partir da sociedade e não ao contrário, que para nós representaria uma forma de escamotear a realidade.

O que nos pareceu que ocorre é que os estudos sobre educação, como não poderia deixar de ser, refletem uma posição de classe, e na verdade da classe burguesa. Ora, nós tentamos fazer a dissertação, procurando encaminhar a questão da educação destinada às camadas populares, e começamos a perceber que tanto do lado da escola quanto do que é veiculado na mesma não encontramos elementos que nos ajudassem a entender como se faz a educação das camadas populares, pois do lado da escola, os estudos indicam os altos índices de evasão escolar nas primeiras séries do primeiro grau, e para tanto são arroladas uma gama de explicações. O alto índice de analfabetismo reconhecido pelo Estado é pouco elucidativo ainda assim, sobre a realidade, porque boa parte dos assim considerados alfabetizados pelo Estado nas camadas populares sabem quando muito bordar o nome.

Retornamos então ao ponto de partida, como é pensado o projeto educacional para as camadas populares? Deve então haver uma "outra escola" onde possam ser transadas as idéias da classe dominante - começamos então nossa busca no que nos parece ser o fio condutor, as condições concretas de vida. Porque pareceu-nos que aí começássemos a desvendar a proposta educacional para as camadas populares; então nos ocorreu pensar o problema a partir de coisas vitais para as referidas camadas, e então fomos conduzidos a pensar a partir da reprodução da força de trabalho, que constituiria o elemento chave para explicação da continuidade desse grupo enquanto espécie. Mas, quais são os itens que possibilitariam a reprodução da força de trabalho? Alimentação, Saúde, Habitação e Vestuário. Com isso nós estávamos dando um passo na direção de esclarecer para nós mesmos quais ou que categorias nós es

colheríamos para o trabalho, sem contudo avançar muito, pois cada item desse implicaria no seu estudo, tempo e recursos dos quais não dispúnhamos, teríamos que fazer então um recorte que conciliasse dois fatores básicos para nós: 1) Um campo ou situação observacional que atendesse preliminarmente às nos sas hipóteses de trabalho; 2) Atendendo à escassez de tempo e recursos. Optamos então pela habitação e nesta na análise de um caso que fosse significativo como proposta, reconhecida pelo Estado, e que tivesse um tempo de desenvolvimento das práticas que queríamos observar, e nos pareceu ser o "Jardim da Esperança" uma experiência que sintetizava esses elementos.

Neste momento começamos então a colocar com mais rigor a questão da educação quer seja como consciência de clas se, e tendo presente sempre como eixo fundamental da discus são as camadas populares, conceito este não tão preciso pois tentaria abarcar não sô frações de classe operária, como tam**ê**m empregados do setor terciário, desempregados, enfim os oprimidos de toda ordem.

A formação de consciência se nos apresenta então como uma das possíveis explicações para o "não funcionamento da educação no Brasil", pois nos parece que os arranjos exis tentes são os mais ajustados para o atual estágio da luta de classes no Brasil e ao próprio avanço do capitalismo na forma ção social brasileira. As representações têm uma utilidade que voltam para uma atuação consequente, essas utilidades po deriam ser assim discriminadas: 1) Para as consciências que as consomem; 2) A prática social que elas indicam e 3) Ao gru po social que as sustentam. A habitação constitui um local pri vilégiado para a passagem de representações, pois diferente mente dos outros itens tão ou mais importantes para a reprodu ção da força de trabalho, este não se extingue no próprio con sumo.

No capítulo primeiro, além de retomarmos o nosso projeto de pesquisa, nós apresentamos aquilo que seria o qua dro de referência teórica, basicamente uma leitura da Ideolo gia Alemã de Marx e Engels.

No capítulo segundo, nós reconstruímos a história do Jardim da Esperança, a partir dos Jornais: Sergipe Jornal e Gazeta de Sergipe, entre 1964 e 1971, o que nos levou a um levantamento de aproximadamente 2000 (dois mil) jornais, afora relatórios técnicos e atas de reuniões do Centro Social do Jardim da Esperança.

No capítulo terceiro nós tentamos fazer a ligação entre consciência, habitação e educação - é aqui que pensamos ter feito a análise da habitação como local privilegiado para a educação das camadas populares.

Acreditamos também que é fundamental respondermos à questão da importância de um trabalho para aquele que o faz, nesse aspecto, damos-nos por satisfeito, independente do resultado que venha alcançar esta dissertação, pois para nós fez-se mais acesa a luz da esperança, esperança de vitória a ser ganha no tempo pelas camadas populares, e ao mesmo tempo que possibilitou-nos uma ação política mais clara.

I - ENCAMINHAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO DA PESQUISA

1. Origem e problemática

O ponto de partida do nosso projeto, exige a de finição da sociedade, na qual o mesmo irá inserir-se. Nesse caso, encontramos como resposta a sociedade de classes e/ou o modo de produção capitalista. Isso posto, nos parece que o pas so seguinte é encontrar uma metodologia capaz para explicar o caso, que pretendemos analisar. Ora,

"não é por acaso que as verdades sociais se en contram sempre que a alma de uma época nelas se manifestam, da época em que se incarna a reali dade correspondente ao método. O materialismo histórico é, como já expusemos, o autoconheci mento da sociedade capitalista".¹

O objeto escolhido tem a ver com a concepção de que a educação não se explica em si mesma, mas a partir da so ci edade na qual se insere. O objeto implica também considerar o problema ideológico que é, acima de tudo, a expressão em pensamento da situação econômica objetiva.²

O nosso esforço vai ser no sentido de romper quer com o formalismo, quer com o economismo, e isto nos im põe uma visão/viver dialética na qual o caso escolhido para a "observação" (Jardim Esperança) é explicável pelo geral (Modo de Produção Capitalista), sem perder suas características de particular.

Nessa real síntese de muitas contradições, ten tare mos encontrar pistas para analisar o problema, tais como categorias econômicas (expropriação/apropriação) que facilitam a explicação do ideológico, no processo de luta de classes.

Na verdade, o problema proposto estaria embuti do, talvez, no grande problema que é o de formação de consci ência. E aí o que nos interessa, no momento, é tentar começar

1. LUKACS, Georg. História e Consciência de Classe. Porto Pu blicações Escorpiao. 1974. p. 241.

2. Ver MARX C. Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo, Martins Fontes, 1977. p. 23-29.

a clarear essa área nebulosa que nos impede de captar realidade do problema em análise.

É na produção social da existência dos grupos concretos que deveremos buscar as pistas para a compreensão da consciência social. É preciso então ver o que ocorre na produção. De uma maneira geral, o que primeiro nos chama a atenção, é que, de um lado, temos os detentores dos meios de produção e, de outro, os possuidores da força de trabalho. Os agentes sociais operam na estrutura da produção da sociedade e a partir de sua vinculação na divisão do trabalho, dão-se em germe, a classe, e em potencial a luta de classes, que é a grande forjadora da consciência de classe.

O trabalhador tem necessidades a serem supridas para que o mesmo possa reproduzir-se enquanto força de trabalho. Contraditoriamente, a acumulação do capital exige mais a mais extração de mais-valia quer seja absoluta, quer seja relativa, e neste último caso não há barreiras para destituir o trabalhador de tudo, e para tanto é fundamental que as idéias das camadas populares sejam as idéias da classe dominante. As camadas populares vão ser expropriadas no trabalho, na força de trabalho, na saúde e na educação.

Os homens têm necessidades básicas para serem satisfeitas e para se reproduzirem enquanto força de trabalho. Dentre as necessidades, a de habitação é uma fundamental. Esta como as outras serão trabalhadas como peças importantes do "processo produtivo" das camadas populares. Trata-se de um aspecto de uma realidade mais ampla que engloba a educação, saúde, emprego. Neste sentido, o objeto habitação, analisado na sua concretude, conterá os elementos dessa problemática mais global.

A educação não se pode explicar por ela mesma, temos que recorrer às condições materiais concretas de um determinado momento histórico para explicá-la. Porém, não é algo mecânico e tão unilateral. O que significa que as idéias são explicadas e se explicam, pois alimentam um fundo fantasmagórico, no qual os fantasmas assumem formas definidas de analisar e explicar o mundo. A educação além de formar os "ho

mens bons" constrói um mundo "mais humano" - O mundo pensado pela classe dominante.

As camadas populares vêm-se expropriadas de tudo. Suas idéias são expropriadas pelas classes dominantes como se fossem suas. Mas onde se dá isso, se 70% das camadas populares estão fora da escola? Aí a violência se instala/instaura como a "forma pedagógica" ideal para as camadas populares. A violência vai assumir formas bastante nítidas em cima da propriedade do que é fundamental para a reprodução da força de trabalho. Nessa ótica, pretendemos analisar um caso de habitação.

Morar onde, se todo o solo urbano é propriedade da classe dominante? As camadas populares começam então a ser pensadas a partir de "projetos educativos". É preciso deslocar estas mesmas camadas para lugares "oportunos".O "processo educativo" começa com o massacre de barracos pelos tratores ou com o levantamento sócio-econômico das famílias que habitam às áreas desejadas pela burguesia.

Daí, o problema que se nos aparece é o de compreender as formas de apropriação/expropriação de idéias das camadas populares, via proposta educativa, num dos elementos da reprodução que é a habitação. Temos então, como pistas para o problema, a análise crítica de um "projeto educativo"destinado às camadas populares, especificamente, às camadas populares do Jardim da Esperança, apreendendo, sistematizando e interpretando uma forma de expropriação/apropriação de idéias das camadas populares.

Teríamos então, como hipóteses gerais de trabalho ou pressupostos, o seguinte: a) a expropriação que se dá a nível de produção expropriação de mais-valia, dá-se também a nível de idéias; b) a educação das camadas populares é feita basicamente fora da escola, e se dá em cima das necessidades concretas; c) o espaço para morar entra como peça fundamental no processo educativo das camadas populares.

2. Procedimentos Metodológicos

Colocado o problema, o mesmo nos remete para as condições concretas, isto é, percebemos que deveríamos rejeitar aquilo que, à primeira vista, parecia ser o caminho: começar pelas idéias (consciência social). Isso não implica uma negação da consciência, mas uma postura para compreendê-la num jogo dialético com as condições concretas.

Ora, isto implica formular uma estratégia ou antevistas a partir de uma teoria geral. Contudo, o particular será o grande norteador das táticas - o que implicará redefinir estratégias. Na medida em que tenhamos clara uma teoria, esta será um guia seguro nas questões dos procedimentos técnicos. Como partimos do fato de que vivemos numa sociedade de classes e/ou num modo de produção capitalista, então a cientificidade e a ciência se colocam numa perspectiva de luta de classes, como também o autoconhecimento do capitalismo só seria possível via o materialismo histórico. Por outro lado, isto nos impõe toda uma nova concepção do mundo. "A sobrevivência da burguesia pressupõe que ela nunca aceda a uma clara compreensão das condições de sua própria existência" Isto implica que, numa primeira formalização de um trabalho, o esforço de clarear a situação leva quase que necessariamente a tropeços formalistas.

Dentre as necessidades concretas para o reproduzir-se e o reproduzir da força de trabalho, optamos pela habitação, como o setor do real a ser observado, neste que pretende ser o primeiro momento de uma tentativa explicativa. Escolhemos o plano de ação Jardim Esperança, o qual representa a resposta oficial às invasões ocorridas no município de Aracaju/Se. O conjunto residencial para as populações faveladas conta já 10 (dez) anos - 1971-1981 - o que nos possibilita ver o trabalho educativo desenvolvido (1969-73) com as camadas populares, como estas são expropriadas de suas idéias, e/ou qual a estratégia da classe dominante em relação a essas camadas,

nos períodos (1964-69) e (1973-82)³.

O problema da propriedade no modo de Produção Capitalista é de certa maneira a categoria-chave para que possamos entender a expropriação. E só a entenderemos se dermos conta da contradição fundamental que se estabelece entre relações de produção e forças produtivas.

O enfoque de análise que se pretende dar ao objeto em discussão não comporta as técnicas usuais de levantamento de dados. O encaminhamento da percepção concreta do fenômeno educativo, presente no modo de organização e de habitação das camadas populares não se capta com questões esparsas de um questionário ou formulário - demanda um estudo e observação de contexto que dê conta da globalidade do modo da produção da existência das camadas populares.

Neste sentido, e tendo em vista que não nos propomos a fazer generalizações, mas uma primeira aproximação do objeto, no sentido de uma explicação do mesmo, acreditamos que a Análise de Caso responda aos nossos objetivos⁴. A análise das contradições nos permitiria fazer as perguntas aos documentos que se acumulam há mais de dez anos. Esses documentos constam de jornais, relatórios técnicos, atas de reuniões dos moradores às quais acrescentamos algumas entrevistas com roteiro realizadas junto a moradores do conjunto.

3 - Convém considerar um conjunto de trabalhos que vem sendo publicados ultimamente, e que tem como objeto de preocupação a questão da educação e da habitação. Veja-se: DIAS, Maria Ester B. A Dialética do Cotidiano. SP. Cortez. 82. e FALCÃO, Maria do Carmo. Um Movimento Popular. SP. Cortez. 83.

4. - A Análise de Caso tem que ser entendida dentro de suas possibilidades e de suas limitações, pois como ferramenta que é, importa saber manejá-la e em que aplicá-la. Pois, se de um lado, nos permite uma visão aprofundada de um caso, de outro, não nos possibilita grandes generalizações. Estas podem ser inferidas quando se lida com conjuntos homogêneos. Além das obras sobre métodos de pesquisa nas ciências sociais, é interessante chamar a atenção para o seguinte trabalho: SALEM, Tania. Entrevistando Famílias: Notas sobre o Trabalho de Campo, in NUNES, Edson de Oliveira (organizador). A Aventura Sociológica. RJ. Zahar Editores. 1978.

3. Categorias de Análise

Parece-nos que a categoria chave de nossa análise é a produção de consciências, já que esta nos permitirá o lhar a educação de outro ângulo e, ao mesmo tempo, recolocar o problema da educação no modo de produção capitalista.

Para entender a questão/categoria, fizemos uma leitura da "Ideologia Alemã", de Marx e Engels⁵, de onde pude mos extrair o seguinte: de início é fundamental, do ponto de vista filosófico, destacar a crítica ao idealismo, isto é, tra ta-se de situar a produção teórica, filosófica, no seu devido lugar na produção, o que significa dizer que a idéia não de termina o real, assim como também a crítica não leva à modifi cação do real, pois a sua modificação não depende da crítica, uma vez que as próprias representações so podem ser entendi das em função das condições concretas e as modificações nas representações so podem ocorrer em função da modificação nas condições concretas.

Quanto à produção da consciência, devemos tomar como pressuposto (não são arbitrários, nem dogmas reais) os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida. O que os homens são coincide com sua produção, como também com o que produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção, o fato é, pois, o seguín te: indivíduos determinados que, como produtores atuam de um modo também determinado, estabelecem entre si relações sociais e políticas determinadas. A estrutura social e o Estado nas cem constantemente do processo de vida de indivíduos determi nados. Indivíduos estes não como podem aparecer na imaginação própria ou alheia, mas tal e como desenvolvem suas atividades sob determinados limites, pressupostos e condições materiais independentes de sua vontade. A produção de idéias, de repre sentações, da consciência está de início, diretamente entrela çada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens. Como a linguagem da vida real, a consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser dos homens. Ela é o seu pro

5-MARX, Carlos/ENGELS, Frederico. La Ideologia Alemana. Barcelo na. Ediciones Grijalbo, 1974.

cesso de vida real, e nasce da carência, da necessidade, do intercâmbio com outros homens. A consciência é, portanto, desde o início, um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens, dessa forma, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, assim como as formas de consciência que a elas correspondem, perdem toda a aparência de autonômia. Não possui história nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com a produção, sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Dito de outra maneira, não é a consciência que determina o ser social, mas o ser social que determina a consciência.

Para a compreensão disso, é fundamental entender a história como movimento que nasce da contradição fundamental entre relações sociais de produção e forças de produção. Esta concepção da história consiste, pois, em expor o processo real de produção, partindo da produção material da vida imediata, e em conceber a forma de intercâmbio conectada com este modo de produção e por ele engendrada (ou seja, a sociiedade civil em suas diferentes fases) como o fundamento de toda a história, apresentando-a em sua ação enquanto Estado e explicando, a partir dele, o conjunto dos diversos produtos teóricos e forma de consciência - religião, filosófica, moral, e ainda seguir seu processo de nascimento a partir desses productos. Isto permite então expor a coisa em sua totalidade (e também, por isso mesmo, examinar a ação recíproca entre estes diferentes aspectos). Por isso, todos os produtos da consciência não podem ser dissolvidos por força da crítica espiritual, mas são podem ser dissolvidos pela derrocada prática das relações reais de onde provêm estas tapeações idealistas. Não é a crítica a força motriz da história, mas a revolução.

A explicação da consciência passa necessariamente pela explicação da divisão do trabalho, o que passamos a fazer agora. Os três momentos - a força produtiva, o estado social e a consciência podem e devem necessariamente entrar em contradição entre si, pois, através da divisão do trabalho, torna-se possível aquilo que se verifica efetivamente: a ati

vidade intelectual e a material - o prazer e o trabalho, a produção e o consumo.

Estas categorias são distribuídas desigualmente entre os indivíduos. Então a possibilidade de esses elementos não entrarem em conflito reside, unicamente, na hipótese de acabar de novo com a divisão do trabalho, pois com esta dá-se, ao mesmo tempo, a distribuição desigual, tanto quantitativa quanto qualitativamente do trabalho e de seus produtos, além do mais, com a divisão do trabalho dá-se também a contradição entre o interesse do indivíduo ou da família singular e o interesse coletivo de todos os indivíduos que se relacionam entre si.

Através da divisão do trabalho já está dada, desde o início, a divisão das condições de trabalho, das ferramentas e dos materiais e, com isso, a fragmentação do capital acumulado entre diferentes proprietários, e, com isso, a fragmentação entre capital e trabalho, bem como as diferentes formas de propriedade. O próprio trabalho sô pode subsistir sob o pressuposto dessa fragmentação. Dois fatos então revelam-se aqui:

- 1º) as forças produtivas aparecem como inteiramente independentes e separadas dos indivíduos, como um mundo próprio ao lado destes, o que tem seu fundamento no fato de que os indivíduos, que são as forças deste mundo, existem fragmentados e em oposição mútua, ao passo que, e por outro lado, essas forças sô são forças reais ao intercâmbio e na relação desses indivíduos;
- 2º) enfrenta-se, com estas forças produtivas, a maioria dos indivíduos, dos quais estas forças se destacaram e que, portanto, despojados de todo conteúdo real de vida, tornaram-se indivíduos abstratos, mas que, por isso mesmo, sô então são colocados em condições de relacionar-se uns com os outros enquanto indivíduos.

A única relação que os indivíduos ainda mantêm com as forças produtivas e com sua própria existência - o trabalho - perdeu para eles toda aparência de manifestação pesoal e so conserva sua vida, atrofiando-a. Esses indivíduos devem apropriar-se da totalidade existente de forças produtivas, não so para alcançar a auto-atividade mas também para assegurar sua existência. Essa apropriação estã condicionada pelo objeto a ser apropriado isto é pelas forças produtivas que se desenvolveram até formar uma totalidade e que existem apenas no interior de um intercâmbio universal. A "alienação" pode ser superada, naturalmente e apenas sob dois pressupostos práticos:

- 1º) é necessário que tenha produzido a massa de humanidade destituída de propriedade, em contradição com o mundo de riqueza e de cultura - coisa que pressupõe um grande incremento da força produtiva, ou seja, um alto grau de seu desenvolvimento.
 - sem este grau apenas generalizar-se-ia a escassez e portanto, com a carência, recomeçaria novamente a luta pelo necessário.
 - além disso, e so com este desenvolvimento universal das forças produtivas, dã-se um intercâmbio universal dos homens, em virtude do qual o fenômeno da massa destituída de propriedade se produz simultaneamente em todos os povos (concorrência universal).
- 2º) tornar indivíduos locais em indivíduos empiricamente universais, histórico-mundiais (a libertação de cada indivíduo singular é alcançada na medida em que a história transforma-se completamente em história mundial).

Somente é possível efetuar a libertação real do homem, no mundo real e através dos meios reais. Não é possível libertar os homens enquanto não estiverem em condições de obter alimentação e bebida, habitação e vestimenta, em

quantidade e qualidade adequadas. A libertação é um ato histórico e não um ato de pensamento. E é efetivamente por condições históricas, pela situação da indústria, do comércio, da agricultura, do intercâmbio, e ainda, conforme suas diferentes fases de desenvolvimento, que o absurdo da substância do sujeito, da auto-consciência e da crítica pura, do absurdo religioso e teológico são novamente eliminados quando suficientemente desenvolvidos. A partir disso, sobressai a questão do Estado e a Luta de Classes.

É justamente da contradição entre o interesse particular e o interesse coletivo, engendrada pela divisão do trabalho que o interesse coletivo toma, na qualidade de Estado, uma forma autônoma separada dos reais interesses particulares e gerais. O Estado portanto reveste-se de qualidade de uma coletividade ilusória. Todas as lutas no interior do Estado são apenas as formas ilusórias nas quais se desenrolam as lutas reais entre as diferentes classes.

É fundamental destacar que as idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem a sua disposição os meios de produção material dispõe também dos meios de produção espiritual. Isto faz com que a ela sejam submetidas ao mesmo tempo e em média, as idéias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. As idéias dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais, as relações materiais dominantes concebidas como idéias. E cada nova classe que toma o lugar da que dominava antes dela é obrigada, para alcançar os fins a que se propõe, a apresentar seus interesses como sendo o interesse comum de todos os membros da sociedade. É obrigada a emprestar as suas idéias em forma de universalidade; a apresentá-las como sendo as únicas racionais, as únicas válidas universalmente. E chegamos então a uma conclusão fundamental do texto: uma classe só se forma como classe na luta contra ou
tra classe.

De toda exposição anterior resulta que a rela

ção coletiva em que entraram os indivíduos de uma classe, relação condicionada por seus interesses comuns frente a um terceiro, foi sempre uma coletividade à que pertenciam estes indivíduos apenas como indivíduos médios, e enquanto viviam nas condições de existência de sua classe, ou seja, uma relação na qual participavam não como indivíduos, mas como membros de uma classe. Por outro lado, com a coletividade dos proletários revolucionários, que tomam sob seu controle suas condições de existência e as de todos os membros da sociedade, acontece exatamente o contrário: nela os indivíduos participam como indivíduos. É exatamente esta união de indivíduos (pressupondo naturalmente as atuais forças produtivas desenvolvidas) que coloca sob seu controle as condições de livre desenvolvimento e de movimento dos indivíduos - condições que até agora encontravam-se à mercê do acaso e tinham assumido uma existência autônoma frente aos diferentes indivíduos, precisamente, por sua separação como indivíduos, por sua união necessária determinada pela divisão do trabalho e por sua separação transformada num vínculo alheio a eles.

Uma busca árdua de Marx foi a de uma filosofia que conduzisse à prática, da mesma maneira que a própria prática deveria reconduzir à reflexão. Uma filosofia que, além de interpretar o homem, a sociedade, o mundo a partir do que de fato o são, pudesse contribuir para sua transformação.

Para isso, sua filosofia, que faz parte de seu pensamento crítico, não aceita o homem, a sociedade e as relações como algo dado e acabado.

Assim, por exemplo, não só rejeitam uma essência humana indiferente à vida social e à história (concepção especulativa tradicional), mas passa a mostrar que essa essência só pode ser descoberta na existência sócio-histórica dos indivíduos "tal como realmente são".

Em outras palavras, o homem concreto é um homem sem essência, ou seja, não existe essencialmente. como ser humano, e sim fazendo a história com sua práxis.

Deste modo, o homem se define como ser prático e aí a filosofia adquire um sentido muito especial enquanto

"filosofia de transformação".

Esta reviravolta filosófica comporta tanto um novo equacionamento do problema epistemológico quanto a re formulação radical da clássica abordagem da "formação da consciência".

E é sobre esta nova visão, que nos deteremos nas considerações a seguir.

Realidade e Consciência

A visão dos autores de "A Ideologia Alemã"⁶, com respeito à formação da consciência, talvez pudesse ser condensada e resumida na seguinte passagem do mesmo livro: "No es la conciencia la que determina la vida, sino la vida la que determina la conciencia".

Tentemos então apresentar, conforme nossa literatura, aquelas idéias que consideramos básicas.

Existe uma relação de determinação entre a prãtica social dos indivíduos (o conjunto das práticas, entre as quais a produtividade tem principalidade) e a formação da consciência.

São diversos os textos que mostram essa relação. Dentre eles, escolhemos os seguintes:

"Se parte del hombre que realmente actúa arrancando de su proceso de vida real, se expone también el desarrollo de los reflejos ideologicos y de los ecos de este proceso de vida" (pág. 26)*

"La producción de las ideas y representaciones de la conciencia, aparece al principio directamente entrelazada con la actividad material y el comercio material de los hombres, como el lenguaje de la vida real" (pág. 25)

6 - Todas as citações foram extraídas do livro: MARX, Carlos-ENGELS, Federico. La Ideologia Alemana. Barcelona. Ediciones Grijalbo. 1974.

"...los hombres que desarrollan su producción, material y su intercambio material cambiam también, al cambiar esta realidad, su pensamiento y los productos de su pensamiento" (pág. 26)

A relação prática social/formação de consciência é uma relação contraditória dada a situação da contradição e alienação em que se encontra a prática produtiva ou o trabalho dos indivíduos.

Explicitemos: com a divisão natural do trabalho fica garantida a distribuição desigual deste e do seu produto (e assim, a divisão da sociedade em classes e a propriedade privada) e a contradição entre o interesse individual e o coletivo. A única relação que os indivíduos ainda mantêm com as forças produtivas e com sua própria existência - o trabalho - perde toda a aparência de manifestação pessoal e só conserva sua vida atrofiando-a.

Com tal propósito, lembremos algumas passagens:

"Finalmente, la division del trabajo nos brinda ya el primer ejemplo de como, mientras los hombres viven en una sociedad natural, mientras se da, por tanto una separación entre el interés particular y el interés colectivo, mientras las actividades, por conseguinte, no aparecen divididas voluntariamente, sino por modo natural, los actos propios del hombre se erigen ante él en un poder ajeno y hostil, que le sojuga, en vez de ser él quien los comine". (pág. 34).

A superação dessa alienação e, portanto, a possibilidade de uma consciência do indivíduo ficam condicionadas à extinção desse tipo de relação engendrada pela divisão do trabalho, pela apropriação da totalidade das forças produtivas, pela aniquilação da propriedade privada e da divisão da sociedade de classes, ou seja, da mudança estrutural da sociedade.

Parece que a contradição fundamental - desenvolvimento das forças produtivas e relações de produção - reaparece de outro modo, quando a ideologia dominante passa a atribuir

buir ou a impor suas representações à prática dos dominados.

"Las ideas de la classe dominante son las ideas dominantes en cada época... La classe que tiene a su disposición los medios para la producción material dispone con ello, al mismo tiempo, de los medios para la producción espiritual, lo que hace que se le cometan, al propio tiempo, por término medio, las ideas de quienes carecen de los medios necesarios para producir espiritualmente" (pág. 50)

A expressão "por término médio" mostra como o domínio exercido pela ideologia dominante não chega a ser absoluto. Isso se compreende na medida que se ache situado na aquela relação contraditória.

A relação prática social e formação da consciência sô pode ser equacionada adequadamente na medida em que se ja localizada num dado momento "histórico universal".

- "Los hombres son los productores de sus representaciones. pero los hombres reales y actuales, tal como se hallan condicionados por un determinado desarrollo de sus fuerzas productivas y por el intercambio..." (pág. 26)

- "Cuanto más vayan extendiéndose, en el curso de esta evolución, los círculos concretos que influyen dolos unos en los outros... viéndose el aislamiento de las diferentes nacionalidades destruido por el desarrollo del modo de producción, del intercambio y de la división del trabajo tanto más va la historia convirtiéndose en historia universal". (pág. 50).

Embora mantendo as características próprias de cada individualidade, a consciência é um produto social.

Esta idéia se explica no interior da idéia anterior e na analogia entre linguagem e consciência que relembremos a seguir:

- "El lenguaje es tan viejo como la conciencia: el lenguaje es la conciencia practica, la conciencia real que existe también para los otros, hombres y que, por tanto comienza a existir también para si mismo; y el lenguaje nace, como la conciencia, de la necesidad los apremios del intercambio con los hombres. (Los hombres tienen historia porque se ven obligados a producir su vida y deben además, producirla de un determinado modo: esta necesidad está impuesta por su organización física y otro tanto ocurre con su conciencia)... La conciencia, por tanto, es ya de antemano un produto social y lo seguirá siendo mientras existan seres humanos" (pág. 31).

Idéias Básicas e Prática Educativa

Mantendo o enfoque próprio dos autores de "A Ideologia Alemã", ou seja, o de uma reflexão que vise à transformação da sociedade, gostaríamos de alinhar, a seguir, algumas idéias que dizem respeito à prática educativa.

Estas idéias constituiriam como que certas referências que ajudassem a delimitar a contribuição daquela prática, nessa transformação.

As contradições, fundamentalmente características da nossa sociedade de classes, fazem-se presentes de modo diverso nas diferentes práticas que se desenvolvem no interior da sociedade.

Por isso, a prática educativa, situada a nível da superestrutura, não deixa de reproduzir, a sua maneira e conforme um dado momento histórico universal, as contradições dessa sociedade.

A prática educativa, embora contando com uma relativa autonomia dada pelo movimento dialético dessas contradições, só poderá ser substancialmente reformulada no interior da radical mudança da sociedade, ou seja, sem que haja uma reformulação estrutural dos mecanismos determinantes da

organização da sociedade como o modo de produção, a divisão do trabalho e as relações correspondentes, qualquer modificação não passa duma "reforma".

Mantendo sempre como referência nossa sociedade de classes, deve-se destacar que a ideologia da classe dominante permeia toda e qualquer prática, consequentemente, a prática educativa.

Parece que é próprio dessa ideologia, de um lado justificar a presente organização e funcionamento da sociedade e, de outro, levar tanto os grupos não hegemônicos quanto as classes dominantes à aceitação e colaboração com o projeto que concretiza a consecução dos seus interesses.

A contribuição específica da prática educativa dá-se na esfera do conhecimento (representações, conceitos, valores), ou seja, a nível da superestrutura.

Isto nos coloca, entre outras, as seguintes considerações:

a ideologia dominante tenderá normalmente a fazer da educação um veículo eficiente das suas representações e valores. As políticas educacionais são um exemplo.

consequentemente, a função da prática educativa passa a ser de ajustamento, das diversas gerações ao sistema (e interesses dominantes) em vigência.

por outro lado, e na utilização daquela relativa autonomia, o não-equacionamento da contribuição específica da educação levou, às vezes, alguns educadores a atribuir a essa prática objetivos que extrapolam suas possibilidades.

Dentro de estreitos limites na presente sociedade, uma educação, em vistas a uma transformação, caracterizar-se-ia, entre outras coisas, pela revisão e crítica das referências de análise da sociedade. Dito com outras palavras, deveria contribuir para "posicionamento crítico" dos que dessa prática participam.

Nesse sentido, os próprios educadores e educandos deveriam ficar atentos para detectar a presença das contradições e suas representações no interior da prática educativa.

Contradições e categorias que tanto podem estar presentes no discurso utilizado, quanto na relação de dominação educador/educando ou na mitificação dos saberes que dão "status" e poder.

Finalmente, e tendo presente a perspectiva de transformação, acreditamos que os agentes da prática educativa deveriam acompanhar as grandes coordenadas do processo da sociedade para, conforme o momento histórico, perceber onde colocar a ênfase de sua análise e das suas observações.

Isso significa, duma parte, que a contribuição da prática educativa, enquanto conteúdo específico, não é exatamente a mesma em quaisquer conjunturas; e, de outra, que o problema da pedagogia, habitualmente equacionado em redor dos mêtodos mais didáticos e da relação educador/educando, sô poderia ser entendido na discussão mais ampla da estratégia adequada para tal ou qual momento histórico.

II - GÊNESE DE UMA PROPOSTA
- JARDIM DA ESPERANÇA

A história do Jardim da Esperança é a própria história das favelas em Aracaju, ou mais ainda, é a história das camadas populares na busca da reprodução da própria existência. O lugar para morar, a habitação, vai constituir o palco de uma luta surda entre os detentores do capital e os detentores do trabalho, local privilegiado de transmissão de idéias e valores, estratégico para tomar de assalto o último reduto das camadas populares: a consciência.

Para reconstruir a história do Jardim da Esperança, vamo-nos servir do levantamento em jornais de Aracaju, a partir do momento em que começa a ser colocada a questão do espaço/habitação. Esse momento é 1964. Parece-nos que a contextualização histórica do Jardim da Esperança só poderá ser feita levando em consideração o movimento das frações de classe ou grupos em direção ao habitar, isto é, esses grupos começam a ocupar solos públicos ou privados e constroem barracos com o material que têm às mãos: papelão, zinco, caixotes de madeira, tábuas de construção.

A escolha do período de 1964 a 1973 como data de início de nossas pesquisas em jornais, deve-se as seguintes razões: 1) No período de 61-63 não encontramos nada significativo; 2) em 1964, assume o Sergipe Jornal um grupo que representa, em termos econômicos, a burguesia comercial, e em termos políticos, um pensamento liberal, que começa a dar destaque às questões urbanas. Fizemos a periodização da seguinte maneira: 64-69 - período em que começaram a surgir denúncias e pressões para as questões do solo urbano e do habitar; 69-71 - período que representa a assinatura do convênio para a construção do Jardim da Esperança e sua efetiva entrega às 136 famílias das favelas/invasões; 71-73 - período de implantação e primeira avaliação. Além dos jornais, utilizamos relatórios técnicos da Prefeitura Municipal de Aracaju e da SUDENE, atas de reuniões dos centros sociais e entrevistas com moradores do Jardim da Esperança.

Quando escolhemos Jardim da Esperança como caso, foi por que este constituiu o plano piloto da SUDENE para o Nordeste, levando em consideração a população alvo e depois

por que Jardim da Esperança constitui a única experiência/proposta do Estado, para as camadas populares moradoras em favelas, até o ano de 1982.

Sergipe Jornal - Ano XLV - Aracaju, Quarta-feira, 28 de outubro de 1964 (2ª Fase) Nº 14.342.

"FAVELA DA ESTAÇÃO VELHA MATA CRIANÇA"

"Ameaçando todos os princípios de higiene, existe nos fundos da Estação Velha, nos mercados da rua José do Prado Franco, uma verdadeira favela, onde centenas de famílias vivem, trabalham e dormem, em meio à fome, miséria e doenças. Crianças morrem constantemente devido à subnutrição, sem que as autoridades tomem uma providência para sanar o problema". (Pág. 1)

"SUBNUTRIÇÃO MATA CRIANÇAS NA FAVELA DA ESTAÇÃO VELHA"

"Vivendo em condições precaríssimas de higiene, saúde e alimentação, dezenas de famílias de pequenos feirantes dos mercados da rua José do Prado Franco constituíram (sic) há anos, nos fundos da antiga estação da Leste Brasileiro, um amontoado de casas de madeira, cobertas de zinco, onde predominam sobretudo a sujeira e a miséria. O grande problema particular de cada família é a criação dos filhos menores, que à falta de recursos e apoio das autoridades, morrem constantemente de doenças diversas, entre as quais a anemia e a tuberculose".

"FAVELA"

"A constituição de dezenas de humildes famílias nessas casas de madeiras,(sic) foi aumentando gradativamente e hoje o problema tornou-se maior ainda, a falta de espaço, bastando dizer que, distribuída em "vilas" a favela chega a abrigar catorze adultos e 23 crianças em apenas uma "vila" de sete casinhas. Essas casas possuem aproximadamente oito metros quadrados e uma única cama onde dormem os pais e mais todos os filhos".

"PROBLEMA ALIMENTAR"

"Sendo chefiadas por feirantes ou camelots,(sic) ocupados diariamente em vender bugingangas e gêneros nos mercados "Tales Ferraz" e "Antônio Franco", (sic) as famílias, localizadas nos fundos da Estação Velha, alimentam-se à base de feijão, farinha e carne, mas há realmente uma subnutrição, em face da falta de recursos. A única ajuda que têm os moradores é por parte da Legião Brasileira de Assistência, que fornece leite em pó para nutrição das centenas de crianças, o que no entanto não é suficiente".

"AS CRIANÇAS"

"O maior problema que os moradores da "favela" enfrenta é, sem dúvida, o das crianças, em grande número, e que são constantemente atacadas de várias doenças, provenientes da subnutrição, da falta de higiene e da contaminação de verminoses. A grande maioria constitui-se de crianças raquíticas, de uma palidez impressionante e muitas delas morrem constantemente por falta de quaisquer tipos de assistência da parte das autoridades, especialmente, das responsáveis pelos órgãos sanitários do Estado".

"PROVIDENCIAS"

"Embora existindo há muito tempo, a verdadeira favela da miséria tem lançado vários apelos às autoridades e ao povo, o que não têm obtido sucesso. O Departamento de Saúde, possuindo um quadro de guardas sanitários que servem nos mercados, nunca deu um passo para solucionar o problema, que está a desafiar o próprio povo, tal a sujeira, a imundície e as doenças que proliferam justamente num local de grande locomoção pública, como os mercados.

Com a criação da Secretaria de Saúde e Assistência Social, organizada com maior campo de ação que o antigo Departamento de Saúde, espera-se as providências devidas, a fim de livrar, de um dos mais graves problemas, a zona central da cidade. A alguns passos da Secretaria de Saúde está a "favela" por trás da Estação Velha. Casas toscas, rudimentares e anti-higiênicas abrigam a pobreza, que lá mesmo trabalha, come e dorme".

SJ - Ano XLV - 1964 - 18 de dezembro

"S.O.S. NA FAVELA DO MERCADO"

"A viúva Maria Genuãra (sic) e sua família moram num barraco de madeira das imediações do mercado municipal (...).

D. Maria Genuãra, (sic) com um filho louco, sua filha e um netinho, afirma: "Só a Deus peço justiça, pois só Ele é que faz correr siri no mangue, esta é a alimentação minha e de minha família, todos os dias que Deus nos dá". Um dos quadros mais deprimentes da nossa cidade, os

favelados da zona norte, estão relegados ao os tracismo. Esperam que os humanistas, providos da luz de Deus, amenizem os sofrimentos maca bros daqueles flagelados. (pág. 1)

"Favelas dos Mercados: Atentado ao Povo abre viando vida Humana"

"Aproximando-se o dia do Natal. Natal para mui tos se reveste de um significado diferente, ou mesmo vulgar, porque os dias de toda semana são os mesmos no decorrer da existência inteira. Arrastando seus próprios males, penando uma vi da indigna de sua natureza de homens, famílias inteiras se amontoam neste Brasil imenso sobre as nesgas de terra que a sociedade desprezou. Cercados pelos edifícios, nas cidades populo sas, são ameaçados de transferência para mais longe da sociedade, até que aí cheguem de novo os edifícios bonitos. Aqui em Aracaju fomos en contrar os barracos do mercado cheios destes homens, ou daqueles que em Recife fazem o "Ci clo do siri": alimentados por aqueles crustã ceos do manguê".

"PROMISCUIDADE"

"Promiscuidade para as famílias do mercado é um nome até bonito para denominar enxame de mos cas, nenhuma higiene no local, alimentação des qualificada, sujeira ao redor e em cima de tu do, crianças nuas e pisando detritos de toda natureza.

Fomos encontrar a família do Sr. Enjolras Bar ros neste estado. Sua esposa chama-se Maria de Lourdes. Seis filhos pequenos e poucos recur sos para a manutenção do lar. Há dias o Sr. En jolras encontrou um trabalho: é vigia da caixa d'água da cidade dos servidores públicos, no

Gragerû. Não saiu dinheiro, mas confia que a coisa não vai muito mal, pois sairá."

"CHUVA"

"Ora, segundo afirmou ao SJ, em tempo de chuva todo mundo tem que dormir em cima de uma cama sô. Uma casa de casal para 8 pessoas. As condições de uma família desta natureza dariam para fazer crer a qualquer pessoa que o Natal do Cristo ainda é desconhecido pelos homens. Numa casa destas, com as condições enumeradas, ainda há lugar para quem também precisa de abrigo. A dona da casa deu abrigo nestes últimos dias a uma senhora conhecida, acompanhada de um filho, pois a mesma necessitava fazer um tratamento de saúde aqui em Aracaju. Até onde chega a solidariedade dos pobres".

"MARIA"

"Maria Genuara é seu nome. Quatro pessoas dentro do seu barraco para pagar trezentos cruzeiros por semana a "Seu" Messias. "Seu" Messias também é indigente, haja vista as condições em que negocia; ou no mínimo seja ele um usuário porque cobra mil e duzentos por mês por um barraco daqueles. Pelo menos aluga e sabe que não oferece mais nada além das tábuas pregadas umas nas outras. Maria mora com sua filha, que faz a vida prá ajudar a Maria. A indignidade se junta às leis sagradas do viver numa simbiose que os próprios moralistas abjurariam, mas que o povo sabe que viver é andar mais um pouco seja lá como for".

"FILHO"

"Além dos problemas de toda sobrevivência, Maria mantém em sua casa um filho doido. Barraco sujo, sem cama, desnudado de ornamentos, espetado por tábua carcomidas, abrigando a loucura de uma miserável que hoje não sabe nem onde ficou o seu marido que ajudou a gerar cruz para sua vida. Mas vive e é o que ajuda a caminhar para a frente.

Que a favela do mercado em nome de Maria ou do Sr. Enjolras possam (sic) tem um Natal, não feliz, mas de compreensão. É preciso sentir as luzes do Natal a entrar com alegria pelo interior da gente, mas ter antes sabido que tem gente que mora onde não entra a luz de há muitos natais".

SJ - Ano XLV - 1964 - 27 de dezembro.

"NATAL E FAVELAS"

"Visitamos dias atrás muitos recantos de miséria de nossa capital. O mercado, o beco do venenoso e agora o morro do Bomfim, são alguns desses locais em que uma população vai vivendo, apenas vivendo, numa abstração digna de nota porque é uma ausência de dignidade, de pão e de aconchego de um lar. Ao lado destes habitantes separados de um todo social, sem as mínimas condições que afirme (sic) a dignidade humana. Se acumulam os marginais, os que vivem a parte para agir como se não existisse ordem, tal a ordem que lhes é apresentada como modelos dos seus atos."

"MORRO DO BONFIM"

"Antigamente tinha este nome, hoje é simplesmente a ruela do Manoel Preto, escondida num sopê de monte, virada para o escondimento. A primeira pessoa que encontramos foi o octogenário João Batista dos Santos que, nascido na cidade de Maroim, foi carreiro por muito tempo na Usina Pedras, hoje penando a existência desamparada".

"MISERÁVEIS"

"De casa em casa sentimos pulsar o coração triste daquele povo... que nos afirme Maria dos Santos, pagando três mil cruzeiros por mês num quarto sem água, luz e privada, que nos fale alto Maria dos Santos, dormindo com 4 famíliares numa sô cama".

SJ - Ano XLV - 1964 - 19 de dezembro.

"FAVELAS DE ARACAJU NA ÓRBITA NEGATIVA DA MISERIA"

"Ontem trouxemos para as páginas do SJ um documento de miséria, um atestado de incompreensão e desigualdade humana, fruto de uma sociedade que se renegou a se própria e que não encontra soluções para sua gente. Hoje traremos outra denúncia. O sentido destas afirmações não deve ser tomado no plano de uma revolta irracional, destruída de qualquer reflexão e acrescida de sentimentalismo vulgar. O valor deste documento está em nós que vivemos no asfalto, desconhecemos as condições sub-humanas em que vivem nossos irmãos aqui mesmo perto de nós. Pode ser o caso do beco do mercado, como também do

beco do veneno, a miséria é a mesma, as condições são as piores e a realidade clama por uma compreensão dos poderes públicos".

"BECO DO VENENO"

"O Beco do Veveno - malgrado o nome - fica bem ali entre as casas 654 e 660 da rua Armindo Guaranã. É um vão inteiro construído de lado, ocupando o lugar de uma casa. Os quartos se alinham paralelamente, deixando alguns centímetros de calçada para a passagem habitual. O local é realmente incrível, porque ninguém vê à primeira vista. Quem passa por ali pensa que não existe ali tanta miséria reunida em 16 quartos. Estes quartos, geralmente, são explorados por um dono, no caso aqui pelo tal de um Sr. Flávio. O dito cobra 900 cruzeiros por semana de um, mais de outro e assim por diante".

"SAÚDE"

"Bem, sô quem tem saúde lá é quem já foi são. Porque não é possível que se viva ali um mês e não apanhe uma doença braba. Vejamos então o que existe de saudável naquele beco venenoso: existe um único sanitário (privada) feito de zinco, com a altura de um metro e pouco. Os zincos se tocam quase uns nos outros, necessitando de um empurrão para cair tudo em cima do freguês. Uma torneira serve para abastecer, dar banho aos moradores de todos os 16 quartos (o aparelho serve também para todos) e a água escorre por ali mesmo. No fundo do quintal, a água se juntou e formou um lago de detritos e coisas não facilmente identificáveis. Além do mais, os moradores atendem as suas necessidades bem ao lado, assim pouco distanciado da tornei

ra, num verdadeiro atentado à saúde dos moradores dos quartos, inclusive, crianças de todos os tamanhos.

Maria Cecília da Conceição nos mostrou as condições em que vivem o ano inteiro, com filhos menores e tudo. Maria do Carmo Santos chegou há pouco tempo por lá, mas já está quase doente de tirar água da porta do seu quarto".

"LAMA EM PROFUSÃO"

"A lama cobre todo o ambiente, formando aquela pasta grossa, que ao menor toque exala aquele fedor insuportável. Insuportável, mas suportável para aqueles moradores que não recebem assistência, primeiro do dono, Sr. Flávio, e depois dos órgãos preocupados com a saúde do povo. Necessário se faz medidas enérgicas a fim de que os moradores do beco do veneno tenham mais sossego e disponham de condições de habitabilidade naquele local".

É importante notar que o ano de 1964 é o ano no qual explodem as questões relativas ao morar, e nos parece que essa explosão (a nível dos jornais) deve-se talvez ao fato do Sergipe Jornal ter sido assumido na sua segunda fase (ano de 1964) por representantes da burguesia urbana, que desejam uma cidade limpa. No entanto, nos parece mais importante sublinhar as duas faces da questão habitação nesse ano: uma é a favela do mercado localizada no centro de Aracaju próxima portanto do local de trabalho, para carregadores, biscaiteiros de toda ordem, prostitutas, e próxima também do Rio Sergipe que garante o sirî, o caranguejô; a outra face são as vilas espalhadas pelo centro e zona norte, onde as condições de vida são as mesmas da favela, com o agravante que as pessoas pagam aluguel. Em 1965, a situação das camadas populares mostra sinais de agravamento e, no entanto, há a ausência de manifestações do Estado quanto à questão. Não existia ainda, por par

te do Estado, uma estratégia para lidar com esses grupos, o que fazia da invasão/favela uma estratégia importante (porque vitoriosa) - do lado das camadas populares.

SJ - Ano XLV - 1965 - 15 de janeiro.

"DRAMA DE BRASÍLIA"

"O SJ revela hoje para os seus leitores o drama de uma família, no bairro Brasília, com três filhos mortos em uma semana e mais dois seguirão o mesmo caminho, se providências não forem tomadas". (pág. 1)

"BRASÍLIA: FAMÍLIA DESAMPARADA VÊ FILHOS MORREM TODOS OS DIAS".

"O Sergipe Jornal, com sua linha de bem informar ao público a veracidade dos fatos, levamos hoje, às nossas páginas, a história que a própria história desconhece, ou melhor dizendo a vida sub-humana que leva o Sr. Francisco Carlos Brito, natural de Itabaianinha, de onde veio juntamente com sua esposa e oito filhos. O Sr. Francisco tinha a intenção de ingressar nas fileiras do Corpo de Bombeiros, aqui chegando foi logo decepcionado, pois sua idade não permitia que ele fosse incorporado. Diante disso ficou o Sr. Francisco vivendo de serviços de toda sorte uma vez ou outra. Conseguindo alojar-se na rua Filadelfo Dória, nº 328, no bairro Brasília, continuou a sua macabra vida. Sr. Francisco tem um mês que reside em Aracaju, nestes últimos dias sua vida tem sido um verdadeiro pandemônio, pois nada menos de três dos seus oito filhos faleceram em consequência de uma doença misteriosa que atacou todos eles. Sr. Francisco e família pedem clemência às autoridades".

"MAIS NA PORTA DA MORTE"

"A reportagem do SJ constatou "in loco" que mais dois de seus filhos estão em estado desesperador, isto é, com uma tosse peremptória e a falta de alimentos substanciados é fator preponderante para suas existências. Adianta-se também que sua esposa D. Maria Carolina Nascimento apresenta sintomas de fraqueza causada por anemia aguda, e o seu filho mais velho de oito anos está com um princípio de desidratação".

"ALIMENTAÇÃO"

"Agora mesmo o Sr. Francisco está desamparado totalmente, e sua família é alimentada pelos vizinhos que apesar de viverem quase na mesma miséria, ainda assim repartem um pouco do que tem para o seu sustento".

"ENTERRO"

"Dos filhos do Sr. Francisco que morreram, um deles foi feito o enterro às custas da Prefeitura, os demais foram enterrados graças à boa vontade dos moradores daquele bairro". (pág. 3)

SJ - Ano XLV - 1965 - 15 de janeiro.

"MARIA S. PEDRO CLAMA A NOSSA SENHORA - VIDA SUBMANA - CASA SEM TETO"

"D. Maria São Pedro, moradora a rua Cotinguiba, bairro Suissa, dormindo numa cama de varas, sua casa sem teto, piorando a situação com as chuvas que caíram ultimamente. D. Maria reza para N. Sra. da Conceição, para que lhe ajude, embora, não mais confiando na sociedade cristã". (pág.1).

"MARIA SÃO PEDRO: MINHA CASA ESTÁ CAINDO COM A CHUVA, MAS MINHA SANTA NÃO PODE MOLHAR-SE"

"Minha maior preocupação é minha santa, que está tomando chuva e não tenho lugar dentro de casa que eu possa botá-la, mas todos os dias eu rezo, para que ela me ajude". "Estas são as palavras de D. Maria São Pedro do Nascimento, residente numa casa sem teto, na rua Cotinguiba, esquina com Porto da Folha. A casa sem teto de D. Maria vem-se constituindo o maior atentado à dignidade humana, precisando de providências das autoridades constituídas, pois com as últimas chuvas, D. Maria está totalmente desabrigada".

"HISTÓRIA"

"Há quinze anos vivo aqui, pois vim de Laranjeiras com meu pai em busca de melhores dias, aqui chegando fui trabalhar na fábrica velha, onde fiquei 12 anos, trabalhando na fiação. Foi lá que começou a minha doença, ou seja, o impaludismo, fiquei de licença por alguns meses, mas depois o fígado atacou e, em consequência, eu perdi o emprego. Vivo de esmola" - declarações de D. Maria.

"SEM NINGUÉM"

"D. Maria não tem ninguém que a ajude, só espera as graças de Deus, e boa vontade dos gomens, e espera que pelo menos o teto de sua casinha, que necessita de reparos, seja olhado." (pág. 3)

No ano de 1966, chama-nos a atenção o fato de a Prefeitura Municipal mostrar interesse por áreas (no caso o Japãozinho) que futuramente serão objeto de desapropriações.

As modificações a nível nacional desencadearão modificações a nível local, por exemplo, a criação do BNH vai desencadear a nível dos Estados uma política para a área de habitação. Em Sergipe, é criada pelo Estado a Companhia de Habitação Popular de Sergipe (COHAB-SE). O Estado começa a falar de saneamento da cidade. Pelo lado da Prefeitura Municipal começa a ser colocada a questão do urbanismo. Além disso, a relação campo/cidade começa a dar sinais de modificação com a vinda de contingentes populacionais do interior (meio rural) para a capital, fruto da introdução do capital no campo e também a transformação de áreas agrícolas em áreas de pecuária.

"GAZETA DE SERGIPE - MÊS DE OUTUBRO DE 1966"

"TROCA DE TERRENOS RECEBE CRÍTICAS DA CÂMARA"

"O vereador Waldomiro Teófilo classificou de absurda ontem na C.V. a troca que a Prefeitura Municipal pretende realizar entre um terreno da municipalidade localizado na praça da Estação Rodoviária com dez metros, bastante valorizado, por outro localizado no Japãozinho, com 15 metros".

GS - ANO XII - 1967 - 31/01 - Caderno Especial.

"4 ANOS DE DESENVOLVIMENTO NA ADMINISTRAÇÃO GODOFREDO DINIZ"

"4 anos de desenvolvimento urbanístico, planejado e acelerado, deram a Aracaju a condição de uma das mais belas capitais do País. O resultado positivo desse desenvolvimento se deve à dinamização administrativa que o Prefeito Godofredo Diniz imprimiu em sua gestão que, ao chegar ao final, é reconhecida por todos como das maiores de todos os tempos".

"O problema da habitação não foi descurado no Governo Celso Carvalho. A criação da Companhia de Habitação Popular..."

GS - Ano XII - 1967 - 18 de fevereiro.

"CASAS POPULARES VÃO AO SORTEIO"

"Em declarações a "GS", o presidente da COHAB, em Sergipe, Monsenhor José Curvelo Soares, afirmou que se encontra em ritmo acelerado a construção das 380 casas populares, construídas no povoado denominado Areias, dentro do espírito da política habitacional do governo federal".

"380 CASAS"

"O Mons. José Soares disse que a COHAB-SE iniciou uma grande campanha com um plano de 380 casas das quais 50 já estão totalmente construídas e que as demais já estão, umas na fase de retelhamento e outras já no acabamento. Afirmou, ainda, que até o dia 21 de abril do corrente ano será inaugurado esse primeiro grupo de 380 casas populares, quando se promoverá o sorteio das mesmas".

"SELEÇÃO POR PONTOS"

"Esclareceu o Mons. José Soares que as casas serão entregues aos pretendentes mediante sorteio ao qual se levará em conta o nº de filhos, tipo de habitação. Por exemplo, a casa com dez ou mais filhos terá a seu favor 10 pontos. Da mesma forma, um casal que viva em tipo de habitação sem as mínimas condições de higiene e acomodações contará por sua vez com dez pontos, ao

passo que o casal que reside em casa já conde
nada ao despejo contará com 6 pontos e assim
por diante".

"SORTEIO DAS CASAS"

"O Mons. José Soares afirmou que a partir do dia
15 de março serão realizadas visitas nas casas
(sic) das pessoas que se inscreveram para ad
quirirem sua casa própria".

"No final de sua entrevista, o Mons. José Soa
res, Presidente da COHAB em Sergipe, afirmou
que a construção dessas casas está sendo possí
vel graças ao convênio firmado entre sua coope
rativa e o Banco Nacional de Habitação".(pág.4)

GS - Ano XIII - 1968 - 5 de julho.

"TÉCNICOS DA SUDENE DEBATEM HABITAÇÃO"

"Como resultado dos contatos mantidos pelo Pre
feito Aloísio de Campos, junto ao departamen
to de recursos humanos da SUDENE, encontram-se
em nossa capital os arquitetos José de Arruda
Raposo e Liana de Barros Mesquita, daquele or
gão de desenvolvimento do Nordeste.

Os dois técnicos vieram a Aracaju a fim de ana
lisar o relatório final do convênio SUDENE/COHAB
manter contactos com a Prefeitura para o novo
programa habitacional a ser elaborado no decor
rer deste ano e tomar conhecimento de vários
problemas da cidade que influenciarão no refe
rido programa".

"RECURSOS"

"Após uma reunião feita com as três entidades

supra mencionadas, onde foi delineada a política habitacional a ser executada no Estado de Sergipe, como plano piloto para o Nordeste, mostraram os técnicos da SUDENE que os recursos disponíveis para tal estudo orçam em setenta e dois mil cruzeiros novos.

Outra missão dos arquitetos José de Arruda Raposo e Liana de Barros Mesquita é a de analisar o problema de favelas e a possibilidade de realizar um projeto-piloto de remanejamento urbano em Aracaju, com assistência técnica da SUDENE. O remanejamento urbano implica a solução dos problemas concernentes aos favelados da área urbana da cidade".

"INFORMAÇÕES"

"Como consequências desses contactos iniciais, estão também aqueles técnicos fazendo coletas de informações e visitas "in loco" de determinados problemas urbanos, como sejam favelas, áreas disponíveis, mercados e conjuntos habitacionais".

GS - Ano XIII - 1968 - 29 de janeiro.

"COHAB ANUNCIA 780 NOVAS RESIDÊNCIAS EM 1968"

"De acordo com os planos da Companhia de Habitação Popular de Sergipe, em 1968 deverão ser construídas 780 novas moradias, em cinco conjuntos residenciais, assim localizados: Barra dos Coqueiros, Itabaiana, Simão Dias, Aracaju e DER.

Deverá ser empregado, na construção dos novos conjuntos, quantia superior a um milhão e seiscentos mil cruzeiros novos. O conjunto de

Aracaju, conforme os projetos já elaborados, deverá ficar na casa dos NCr\$ 1.004.668,72; o da Barra, em NCr\$ 172.206,40; o de Itabaiana, NCr\$ 230.523,20; e o de Simão Dias em NCr\$ 228.076,50. Em vista dos projetos de infra-estrutura não estarem concluídos para todos estes municipios, os projetos de construção das casas encontram-se no Banco Nacional de Habitação, para aprovação".

"CONJUNTO MARECHAL CASTELO BRANCO"

"Em 1967 foi executado o projeto de trezentos e oitenta unidades residenciais na cidade de Aracaju, onde foram aplicados recursos financeiros pelo Banco Nacional de Habitação no total de NCr\$ 563.122,50, sem incluir as obras de infra-estrutura.

Para que fossem iniciadas as construções do Conjunto Marechal Castelo Branco, a COHAB empregou em serviços de terraplanagem, na sua primeira fase, recursos no total de treze mil cruzeiros novos. Hoje o Conjunto Marechal Castelo Branco ergue-se na localidade denominada Areias.

Os seus moradores terão todos os confortos da vida moderna, incluindo-se ai água e energia elétrica".

GS - Ano XIV - 1969 - 25 de fevereiro.

"PREFEITURA CONSTRUIRÁ CONJUNTO"

"Dentro de breves dias, a Prefeitura de Aracaju iniciará a construção de um conjunto residencial para facilitar aos funcionários do municiípio a aquisição de casa própria, conforme

orientação que foi dada pelo Prefeito Aloisio de Campos ao setor de Habitação do Departamento de Obras e Serviços de Utilidade Pública que está elaborando o plano de construção. Segundo conseguiu apurar a nossa reportagem, o Departamento de Administração Geral da Prefeitura de Aracaju recomendou a todos os Departamentos e órgãos do nosso grau, o preenchimento de formulários junto aos servidores e o encaminhamento posterior ao setor de Habitação que é dirigido pelo Engenheiro Maurício Silveira".

"CONJUNTO RESIDENCIAL"

"O conjunto residencial, segundo as mesmas fontes, deverá ser construído em terreno próximo às oficinas mecânicas do Município localizado no Bairro América próximo à Fábrica de Cimento.

Por outro lado, as casas do Conjunto Residencial terão um, dois e três quartos, além de outras dependências, como salas, banheiros e cozinhas.

Sabe-se, por outro lado, que os funcionários que já possuírem casa própria não serão beneficiados, somente acontecendo isso àqueles que comprovadamente não possuem residência".

GS - 05.07.70 - Editorial

"PREFEITURA DE ARACAJU"

"A nomeação do economista Aloisio de Campos para Prefeito de nossa capital foi o grande impacto político do governo Lourival Batista. A escolha do cidadão honesto, inteligente, consciente dos problemas a enfrentar numa Prefeitura

tura que sempre foi o suporte eleitoral de go
vernadores, senadores e deputados, exigia um
administrador corajoso, disposto a por a mão-
de-ferro nas evasões tributárias, nos atenta
dos ao Código Urbano e no caos administrativo
da babel do funcionalismo viciado e apadrinha
do pelos grupos políticos estaduais".

GS - 05.07.70.

"PLANO DE DESENVOLVIMENTO DE ARACAJU JÁ TEM RE CURSOS"

"O Serviço Federal de Habitação e Urbanismo já
assegurou recursos no valor de duzentos e oi
tenta mil cruzeiros, para a elaboração do pla
no de desenvolvimento integrado de Aracaju, com
preendendo o plano de desenvolvimento Munici
pal abrangendo programação sócio-econômica, pla
nejamento setorial, programação financeira e
implantação do planejamento. O Prefeito Alo
sio Campos, que amanhã passará o exercício do
cargo ao Secretário de Gabinete, Sr. Manoel
Messias Gois, informou que além do financia
mento do SERFHAU, a Prefeitura entratã com re
cursos da ordem de setenta mil cruzeiros, de
acordo com o custo previsto para elaboração do
plano".

"PROJETOS"

"Por outro lado, diversos projetos estão em an
damento, destacando-se o plano Habitacional de
favelados que já tem suas 135 primeiras casas
construídas e sua complementação está a depen
der dos entendimentos já iniciados junto ao
BNH com o qual a Prefeitura está negociando

um empréstimo de um milhão de cruzeiros. O plano de habitação para servidores municipais prevê a construção de 111 casas na rua Acre, e o pedido de financiamento para tal é de um milhão e quinhentos mil cruzeiros".

"URBANIZAÇÃO"

"No setor de urbanização, o Prefeito Aloisio Campos autorizou a aquisição de um sítio com 514.250m², para implantação do parque da cidade, no morro do urubu, para fins de recreação, esportes, educação e turismo. Também grande área localizada nas avenidas Atlântica e Rotary, na Atalaia, foi declarada de utilidade pública para implantação do parque dos cajueiros. Também está em andamento o projeto da nova "Praça da Bandeira", incluindo a construção da biblioteca Infante-Juvenil".

"OUTROS RECURSOS"

"Vários outros recursos foram assegurados pelo prefeito Aloisio Campos, para diversos projetos destacando-se cento e cinquenta mil cruzeiros da USAID, através da SUDENE, para a implantação do centro de treinamento "D. José Vicente Távora" do conjunto Jardim da Esperança no bairro Grageru e duzentos mil cruzeiros da SUDENE para o centro de abastecimento de Araçaju".

GS - 23.07.70

"URBANISMO QUER ERRADICAR FAVELA"

"O Diretor de serviços urbanos da Prefeitura entra em entendimento com o Secretário de Segurança Pública visando erradicar as favelas do mercado e junto à antiga Estação Leste Brasileira. Esclarece o agrônomo Luiz Carlos de Melo Garcez que esteve no local em companhia do Dr. Rosalvo Vieira de Melo verificando as condições em que muitas famílias estão-se servindo das proximidades do mercado para formar as moradias toscas e sem as mínimas condições de higiene, além de ocuparem uma área no centro da capital, onde proliferam os saibres de madeira".

GS - 10.08.70.

"DIRETOR DE SERVIÇOS URBANOS EXPLICA RETIRADA DE BOTECOS"

"O Departamento de Serviços Urbanos já retirou mais de 40 botecos que se localizavam nas proximidades da velha Estação da Leste Brasileira e Mercado Municipal, muitos deles servindo para moradia de maconeiros e ladrões que infestaram a zona dos mercados e portuários. O Engenheiro Agrônomo Luiz Carlos de Melo Garcez, que vem realizando esse serviço, informou à reportagem da Gazeta de Sergipe que dos 75 botecos que serviam para moradia naquele local, foram encontrados moradores que os alugaram pelo duplo preço que pagavam os verdadeiros donos de tais barracos".

GS - 17.08.70.

"JARDIM ESPERANÇA FOI TEMA DO PREFEITO COM OS DIRIGENTES DA SUDENE"

"Centro de Treinamento e Artesanato de Doces naquele conjunto foi objeto da ida do prefeito Waldir Santos Brito à Recife".

GS - 15.09.70.

"TÉCNICOS DA SUDENE VÊM A ARACAJU QUARTA-FEIRA".

"Técnicos da SUDENE virão à capital sergipana na próxima quarta-feira a fim de estudar, com tēcnicos da Prefeitura Municipal, a minuta do convênio entre os dois r̃gãos, para aplicação de recursos no valor de cento e cinquenta mil cruzeiros, oriundo da USAID, e destinados à construção do centro comunitário Jardim Esperança".

GS - 19.09.70.

"CONSTRUÇÃO DOS CONJUNTOS HABITACIONAIS"

"Tece-se críticas à PMA que construiu 136 casas - DAJE - casas prontas e desabitadas estragando-se".

GS - 24.09.70.

"CONSTRUÇÃO DO CENTRO JARDIM ESPERANÇA SERÁ AGORA INICIADA"

"POSSIBILITARÁ"

"Formação de mão de obra especializada entre as pessoas que habitarão o Jardim Esperança."

GS - 23.10.70.

"FAMÍLIAS DE FAVELADOS VÃO PARA O JARDIM DA ESPERANÇA"

"As cento e trinta e seis famílias que habitarão o conjunto "Jardim Esperança", no bairro Grajeru, serão selecionadas entre os ocupantes das favelas do mercado central do Siqueira Campos, Japãozinho, Agamenon Magalhães e de uma outra favela existente nas proximidades do Jardim Esperança. Os trabalhos preliminares objetivando a transferência das famílias foram iniciadas ontem pela equipe de Assistentes Sociais do Departamento de Saúde e Serviço Social da Prefeitura de Aracaju. Segundo informações daquele Departamento, a transferência será efetivada na primeira quinzena de janeiro do próximo ano, e até lá serão procedidos os trabalhos de preparação, como sejam: levantamento das condições de higiene e saúde nas favelas, para treinamento e orientação das famílias em métodos de saúde; imunização de todos selecionados contra paralisia infantil, varíola, tifo, coqueluche, tétano e outras moléstias; levantamento da cárie dentária incidente nas áreas trabalhadas, teste tuberculínico."

"Desde ontem, a equipe do Serviço Social do Município está atuando junto aos favelados, entre os quais serão a princípio selecionadas duzentas famílias a triagem definitiva das 136 primeiras beneficiadas".

GS - 06.01.71

"JAPÃOZINHO"

"Saneamento básico, energia elétrica domiciliar e

água encanada, são problemas urgentes do baixo Japãozinho, situado por detrás do colossal Estádio Lourival Baptista, o Batistão. Com suas casas miseráveis cercadas de alagados, a maioria delas sem luz elétrica e sem água, com a sua população vivendo sob péssimas condições ambientais de higiene, o Japãozinho representa um bolsão de miséria, um conjunto social abandonado em meio ao casario elegante da zona sul, que lhe fica em volta. Os nossos Governos precisam fazer algo pelo Japãozinho, para dar-lhe condições mais humanas de habitabilidade".

GS - 07.01.71

"FAVELA EXISTENTE PRÓXIMA À ANTIGA ESTAÇÃO VAI SAIR"

"A favela existente entre as instalações da Administração do Porto, do Moinho Sergipe e a antiga estação Leste Brasileira está com os dias contados, devido à necessidade de sanear a área, dando melhor aspecto e retirando o pardieiro de casebre que constitui em infecta morada de maconheiros, marginais e mundanas, em promiscuidade com crianças e adolescentes".

"CASAS COMERCIAIS"

"No local também existem casas comerciais, fábricas de ladrilhos, moinho de açúcar, vendedores de materiais de construção, madeira e cal. De acordo com informações de moradores, naquele local, há pessoas que adquiriram terreno onde construíram essas casas comerciais desde o ano de 1935 e estão agora compelidas a deixar o local para dar lugar às instalações modernas, próprias da orla marítima e ligadas ao sistema portuário que se está implantando".

"SEM PRAZO"

"Outras informações acrescentam que as casas comerciais e a favela deverão deixar o terreno, por determinação das autoridades, sem prazo marcado, contudo existem esperanças de que sejam os seus donos indenizados, especialmente, os que possuem casas comerciais e vão encontrar problemas para a transferência de ramo de comércio e de local para a mudança. Quando aos casebres da favela, alguns de propriedade de um dono de casa de materiais de construção, constituindo somente problema a transferência de moradores para os conjuntos residenciais que o prefeito está concluindo no Jardim Esperança".

GS - 24.03.71 - Ano XVI

"TERRENO DO IPASE FOI INVADIDO"

"Um terreno destinado à construção de um conjunto residencial e pertencente ao IPASE localizado nas imediações da sede do Departamento Estadual de Estradas e Rodagens e a BR-101 está sendo ocupado para construção de casas de taipa e cobertas de palha. Mais de dez casas já foram alinhadas e estão sendo montadas outras tantas, sem que os ocupantes sejam molestados".

"CONVITE"

"Pessoas que estiveram no local dizem que há um convite por parte de um dos antigos moradores daquela localidade e dirigido aos conhecidos no sentido de que podem marcar o lugar onde pretendem fazer sua casa que até agora ninguém sabe se o terreno tem dono. A conversa desse convite se espalhou de modo rápido e, a cada dia que passa, no

vos moradores vão surgindo e com a madeira para construir seus barracões que se transformam em casas".

"BARRO, TIJOLO E TERRA"

"O movimento de ocupação do solo que, segundo informações, pertence ao IPASE, encontra-se aumentando com o aparecimento de caminhões conduzindo tijolos, barro e areia para as novas construções que estão surgindo sem que a Prefeitura tome conhecimento. São os próprios construtores que limitam a distância e largura das ruas que estão surgindo, quase que por passe de mágica".

GS - 12.08.71

"JARDIM ESPERANÇA VAI ABRIGAR 136 FAMÍLIAS"

"O Jardim Esperança construído através do convênio entre a Prefeitura Municipal de Aracaju e a SUDE NE, vai ser inaugurado no dia 7 de setembro, e a solenidade está incluída na programação a ser cumprida durante a Semana da Pátria de 1º a 3 de setembro, de caráter oficial".

"O Prefeito da capital, Cleovansôstenes de Aguiar, determinou ao Departamento de Saúde e Serviço Social que providenciasse o sorteio das 136 chaves a serem entregues aos futuros moradores, selecionados por aquele Departamento e enquanto são ultimados os detalhes das futuras instalações do centro comunitário anexo ao Jardim Esperança".

"PIONEIRO"

"O projeto de habitação, para favelados a ser posto em prática pela Prefeitura Municipal de Aracau

ju, é pioneiro no gênero e constitui um fato novo na política de assistência às famílias que vivem em aglomerados de barracos nas favelas que proliferam na cidade.

O trabalho inicial para construção do atual Jardim Esperança começou com um levantamento das condições sócio-econômicas de 800 famílias de favelados e os dados ali conseguidos serviram de base para elaboração do plano habitacional que foi aprovado pela SUDENE".

"LOCAL"

"O Jardim Esperança fica localizado às margens da Avenida Contorno, Bairro Grajeru, em terreno doado pela Prefeitura de Aracaju. Com recursos da SUDENE, foram construídas 136 residências, um centro comunitário, uma unidade de saúde e um Grupo Escolar. A escola foi mandada construir pelo Governo do Estado. O trabalho de seleção das famílias foi feito em conjunto pela SUDENE e PMA."

"O QUE VISA"

"O Departamento de Serviço Social da Prefeitura explica o que o projeto do Jardim Esperança. O projeto de habitação do Jardim Esperança visa não apenas às condições adequadas de moradias a favelados. Também objetiva a preparação, o treinamento e educação familiar, sendo responsável por isto o centro comunitário em torno do qual se projeta uma série de providências para melhoria do padrão de vida dos que habitarão no novo conjunto. Assim haverá preparação de mão-de-obra especializada, alfabetização de adultos, escola primária e um artesanato de doces, além de toda assistência médico-sanitária que será proporcionada no Jardim Esperança".

GS - 13.08.71

"EM ARACAJU FAVELADO TAMBÉM É TRANSFERIDO"

"Três favela de nossa capital, segundo apurou a reportagem da Gazeta de Sergipe, serão demolidas no próximo mês, tendo em vista que seus moradores se transferirão para o Jardim Esperança construído pelo Prefeito de Aracaju em convênio com a SU DENE.

As 136 famílias, que se transferirão para o novo núcleo, estão vivendo nas favelas do mercado cen tral, Japãozinho e Siqueira Campos.

Segundo informações colhidas junto ao serviço de imprensa do município, o sorteio das casas será efetuado no próximo dia 20 por que a Divisão do Serviço Social está preparando revisões visando à transferência das famílias faveladas por ocasião da "Semana da Pátria".

"TUDO PRONTO"

"Informa ainda o serviço de imprensa da Prefeitura que já estão praticamente concluídos os trabalhos do Conjunto Jardim Esperança: 136 casas construídas, centro comunitário, posto de saúde, grupo es colar, energia elétrica e sistema de abastecimen to de água.

A mesma fonte acrescenta que nos dias 16 e 18 do corrente serão realizadas as últimas reuniões pre paratórias com as famílias selecionadas".

GS - 17.09.71 -

"FAVELADOS NÃO QUEREM JARDIM ESPERANÇA"

"O Serviço Social da Prefeitura informou que conti nua a problemática do desalojamento dos favelados

do Siqueira Campos que não aceitaram transferir-se para o conjunto Jardim Esperança.

Segundo a Assistente Social Terezinha Souza, Chefe do Departamento Social da Prefeitura, esses favelados não mais podem morar no Conjunto Jardim Esperança, a não ser por desistência de alguns que já se encontram por lá, o que é difícil. Disse que tais favelados se recusavam a aceitar as condições daquele Serviço Social alegando que tinha onde residir".

"SANEAMENTO"

"Os favelados do Siqueira Campos representam uma minoria que ainda se encontra na área baldia situada por trás da rua Carlos Correia e que será saneada, a fim de que os feirantes daquela artéria passem a vender seus produtos na área acima citada, em atendimento a uma velha aspiração dos moradores da Carlos Correia. À nossa reportagem, a Assistente Social Terezinha Souza adiantou que até a próxima segunda-feira todos os favelados daquela área serão retirados, uma vez que já expirou o prazo determinado pela Prefeitura para a permanência dos mesmos naquele local. Nas suas declarações à Gazeta de Sergipe, a informante afirma que, com a recusa dos favelados para o Jardim Esperança, cessou a sua responsabilidade, mesmo porque todos sabiam que não podiam ficar naquelas favelas e que teriam de se retirar de qualquer maneira". (Pág. 1)

GS - Ano XVI - 1971 - 10 de setembro.

"JARDIM DA ESPERANÇA - GABRIEL CURVELLO SAMPAIO"

"Homem de empresa, formado na escola antiga, nos apegamos ao trabalho a partir de 7,30h. e a não

ser para cumprir obrigações na mesma área, parece que nos sentimos usurpadores, toda vez que nos desviamos para interesses outros, isto explica o fato de sô raramente participarmos de cerimônias oficiais. Ontem houve um precedente.

Assistimos à inauguração do Jardim da Esperança tão bem encaixado pelo Governo Paulo Barreto de Menezes, no programa de comemorações da Semana da Pátria. Nunca se tem tempo de examinar uma obra social no dia da inauguração. Tudo se ver de relance. A impressão que ficou foi muito boa, mas voltaremos lá para apreciá-la melhor.

O propósito deste comentário, é por em relevo as palavras ali ouvidas.

A abertura de improviso feita pelo Prefeito Cleovansôstenes Pereira de Aguiar nos deu a medida da grandeza de alma deste dileto auxiliar do governo. O homem, desde a primeira até a última palavra, apresentou o empreendimento, mais como um locutor do que propriamente Prefeito. Tudo que se via ali, disse ele, deve-se aos seus antecessores. Pela primeira vez ouvimos com o coração transbordante de felicidade, pronunciamentos públicos ressaltando os trabalhos de administradores anteriores. O Prefeito da capital foi largo na exibição dos méritos do Dr. Aloísio Campos e Waldir Brito, sem esquecer os governadores Lourival Baptista e João Garcez. O governador recordou com muita propriedade a figura simpática de Arnaldo Garcez, iniciador por sem dúvida, com o Conjunto Agamenon Magalhães, da recuperação dos favelados.

Um espetáculo inédito em sracaju, onde ninguém falou de si mesmo e se fez justiça aos outros.

Carlos Magalhães dando show de inteligência seguiu o mesmo diapasão.

Tarde feliz a de 3 de setembro". (pág. 3)

GS - Ano XVI - 1971 - 25 de setembro.

"FAVELADOS"

"Os favelados, que ainda se encontram no Bairro Si queira Campos, serão removidos hoje, pela Prefei tura de Aracaju, para o Jardim Esperança, a fim de que a área onde atualmente os favelados se en contram seja saneada e possa abrigar os feiran tes da rua Carlos Correia. Esses favelados faviam de início recusado a se transferir para o Jardim Esperança, entretanto, sabendo das boas condições dos novos aposentos, resolveram remover-se, sem resistência e aborrecimento".

GS - Ano XVI - 1971 - 15 de outubro.

"EM PRÁTICA PLANO DE AÇÃO DO JARDIM ESPERANÇA"

"Segundo notícias veiculadas pela Chefa da Divisão de Serviço Social, do Departamento de Saúde do Mu nicípio, nada menos de cinco cursos serão inicia dos nos próximos dias como parte do plano de ação "Jardim Esperança". Estes cursos, diz a Chefe da Divisão de Serviço Social, darão treinamento espe cializado às famílias do conjunto Jardim Esperan ça e serão financiadas pelo Programa Intensivo de Preparação de Mão-de-Obra, do Ministério da Educa ção, cujo coordenador em nosso Estado, Professor Marcolino de Almeida, já assegurou ao Prefeito da Capital, os recursos necessários".

"INTEGRAÇÃO"

"A Chefe da Divisão de Serviço Social do Departa mento de Saúde do Município informou ainda que es rão na agenda de treinamento do plano de ação

"Jardim Esperança" os seguintes cursos - artesanato, doces, horticultura, carpintaria, capoeira e preparo de alimentos.

Frisou ainda que para a realização dos cursos mencionados, além da participação do PIPMO, a Prefeitura contará com a colaboração especial da ANCAR-SE e da Escola Agrícola Benjamin Constant".(pág. 1)

GS - 29.12.71

"JARDIM ESPERANÇA SERÁ AMPLIADO"

"Mais de duzentas e cinquenta casas serão construídas no "Jardim Esperança", à margem da Av. Contorno, onde está sendo executado um plano de habitação para as famílias faveladas de Aracaju. As novas unidades serão desta vez construídas através da Companhia de Habitação Popular de Sergipe, com recursos do Banco Nacional de Habitação.

Para a conclusão das novas construções permitirão a tripulação do conjunto "Jardim Esperança", a COHAB receberá o terreno de propriedade da Prefeitura Municipal, conforme projeto do Prefeito Cleovansôstenes Aguiar, submetido à apreciação da Câmara Municipal".

"IMPLANTAÇÃO"

"Por outro lado, nossa reportagem esteve ontem em visita ao conjunto "Jardim Esperança" onde observou que ali se desenvolvem para a recuperação social das 135 famílias transferidas das antigas favelas do Japãozinho, Mercado central e Mercado do Bairro Siqueira Campos.

Um grande esforço de caráter integrado é realizado no momento pela Prefeitura e outros órgãos, para a implantação e manutenção de assistência às

famílias do "Jardim Esperança" nos setores de Educação, Saúde, formação profissional e treinamento em geral. No próximo ano, esse trabalho será intensificado de acordo com o cronograma elaborado pela Prefeitura com a assistência técnica da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste".

Em 1968, a SUDENE começa a discutir o planejamento e a solução do problema habitacional para as camadas populares de Aracaju. Era preciso, segundo a SUDENE, redefinir o espaço urbano. Em meados de 1969, o então Prefeito do Município de Aracaju, em face ao índice de ocorrência de invasões e da consequente proliferação de aglomerados urbanos, autorizou a Divisão de Serviço Social a fazer "levantamento circunstanciado da situação populacional favelada a fim de que pudesse elaborar um plano que visasse ao saneamento da área e à criação de um conjunto residencial que promovesse àquela população um melhor padrão de vida, assegurando, além da habitação, saúde, educação e bem-estar social".¹

Do levantamento feito, apresentaremos a síntese do relatório pela DSS/PMA para uma invasão. Isto nos possibilitará formar idéia sobre o que é/era uma favela em Aracaju.

1 - PAJE/Relatório.

LEVANTAMENTO SÓCIO-HABITACIONAL DOS FAVELADOS - BAIXA FRIA

CARACTERÍSTICAS DAS HABITAÇÕES

Esta favela possui as características comuns às de mais de Aracaju, é originária do baixo poder aquisitivo e consequência de invasão.

Por se tratar de uma propriedade ao abandono, possibilitou a apropriação clandestina da área, permitindo a rápida construção de barracos, instalados no baixo e plano, cujas condições de salubridade são as piores possíveis.

Dos 88 (oitenta e oito) domicílios pesquisados, 93,2% são barracos feitos de taipa, zinco, papelão, jornal, palha ou madeira. Nunca chegam a ter mais de dois compartimentos, possuindo em média uma área total de dois metros quadrados onde cama, redes, caixões, tamboretas, potes, fogareiros, cordas de roupa. Os poucos pertences são entulhados, sobrando pouco espaço para as pessoas e os animais transitarem.

Os 6,8% restantes são casas que apenas se diferenciam dos barracos pela divisão de cômodos e por terem quase sempre a cobertura de telha e porta e piso em cimento.

Das favelas levantadas em Aracaju, esta é a única onde ainda não existe a "exploração dos favelados". Cada família reside no seu próprio barraco, não havendo portanto a constante especulação do companheiro ou de aproveitadores, através dos exorbitantes aluguéis.

Qualquer consideração sobre habitação desta favela conduz sempre aos seus problemas de falta de correlação e integração no meio urbano.

INSTALAÇÕES SANITÁRIAS

Afigura-se-nos sobremaneira deficiente as condições sanitárias em que vivem estas 88 famílias, pois a zona invadida é desprovida de tudo: rede de esgoto inexistente 100% das residências não dispõem de água canalizada nem constam sequer com chafarizes, abastecendo-se em pequenas poças minadoras que sur

gem com quaisquer escavações e cujas águas se misturam com as estagnadas, adquirindo uma coloração escura, proveniente, talvez, da lavagem de roupa que ali se processa comumente e dos resíduos que, devido ao declive do terreno, para ali convergem com as chuvas. Poucas são as pessoas que se dão ao trabalho de ir até aos chafarizes dos bairros circunvizinhos, à procura de água potável.

Não constituindo exceção, 100% das residências não dispõem de luz elétrica, fazendo uso do candeeiro, a partir das 20 horas, quando nos minúsculos barracos (baixo e desprovidos do número de portas e janelas suficientes) tudo é escuro.

Dentre os imóveis visitados, apenas 01 (um) possui banheiro e WC, e assim mesmo este sem fossa, 100% das residências não dispõem de fossa, dando aos dejetos o destino dos terrenos que circundam o barraco.

A situação da área é portanto precaríssima, o que se reflete negativamente na saúde e consequentemente nas atividades econômicas dos que ali residem.

CHEFES DE FAMÍLIA E SEUS DEPENDENTES

Constatou-se, que através do levantamento realizado na área invadida, 88 chefes de família, dos quais 69,3% são do sexo masculino e 30,7% do sexo feminino.

Somando-se os 88 chefes de família aos seus 320 dependentes, constatou-se que a área invadida já é habitada por 408 pessoas, e que a distribuição desta população corresponde em média a 5 indivíduos por residência.

Quanto à procedência, observou-se que 59,1% são advindos do interior do nosso Estado, 21,5% oriundos de outros Estados e 18,2% naturais do próprio município de Aracaju.

As populações rurais vêm cada vez mais tomando consciência de que é necessário dar aos seus filhos uma vida melhor. As áreas industrializadas tornam-se centros de atração, pois oferecem melhores possibilidades sociais, melhores salários e nível

de vida mais alto. No entanto, nossos imigrantes apresentam um grande problema: a falta de qualificação profissional e mesmo um grau de instrução baixíssimo pois 19,3% dos chefes são alfabetizados, 37,5% semi-alfabetizados e 42% analfabetos.

Ao lado do problema da inexistência de preparo para o trabalho mais especializado, soma-se outro ainda, a falta de documentação. Sem carteira de identidade, sem identificação profissional, sem atestado de prestação de serviço militar, sem prova muitas vezes de que aqueles que são seus dependentes são, na verdade, seus filhos e têm direito à Previdência Social daí torna-se pior a situação já precária.

O que acontece, portanto, é uma transferência do emprego urbano.

O rompimento do ambiente conhecido, as tensões emocionais podem levar aos desajustes psico-social, vinculados a uma crise da família que tendo deixado seu padrão ainda meio patriarcal do campo, sente o impacto da vida nos grandes centros, e então a embriaguez e a prostituição seguem-se como primeiras manifestações de uma ordem invertida, de uma troca de valores.

Quanto à renda, considerando como base o salário mínimo da região, 61,3% dos Chefes de Família percebem, mensalmente, menos de um salário, sendo que cerca de 50% destes têm renda inferior a meio salário; 18,2% usufruem de um a dois salários; 2,3% mais de dois salários mensais e 18% se negaram a declarar, apesar de suas aparências não demonstrarem o desnível que se supõe, se tomarmos por base a omissão.

Outra constante é o emprego sazonal, pois diversos trabalhos absorvem a mão-de-obra em certo período anual, debilitando-a em outros períodos, restringindo assim o poder aquisitivo da família.

A prefeitura, a partir dos resultados, conclui da necessidade de um remanejamento urbano da população favelada em estudo. Para tanto, em 4 de setembro de 1969, é assinado convênio entre SUDENE e PMA para construção de núcleo habitacional no município de Aracaju, Estado de Sergipe, constando de 136 unida

des habitacionais.

Com a orientação técnica da SUDENE, elaborou-se o Plano de Ação Jardim da Esperança, encerrando uma Política Social ao mesmo tempo habitacional e Promocional.

Conta o Plano, na sua primeira fase, com 136 unidades habitacionais e todo equipamento comunitário previsto (uma Unidade de Saúde, em Grupo Escolar e um Centro Comunitário).

De acordo com a filosofia do plano, a participação foi considerada de vital importância, sendo realizado todo um trabalho de mobilização junto às famílias faveladas.

Foram realizadas visitas, reuniões, excursões ao Conjunto, e identificados grupos representativos das diversas Favelas, permitindo assim um trabalho integrado povo e governo.

Desse trabalho conjunto ficou acertado que :

01 - Os moradores do Conjunto teriam um período de carência, abrangendo os 3 meses iniciais onde nada pagariam recebendo uma Escritura Provisória;

02 - Um período probatório, compreendendo 2 anos, onde os moradores ficaram sujeitos à avaliação de sua adaptação às normas do Plano. Nesse período, é iniciado o pagamento de uma taxa correspondente a 5% do salário regional, a qual seria utilizada exclusivamente na melhoria do Conjunto. A inadaptação do morador era constatada através de: a) sua ausência permanente no domicílio; b) o mau uso da habitação que prejudica a moral e o bem-estar dos comunitários; c) a proliferação de focos de prostituição, jogatinas e atividades outras contrárias ao "bons costumes". Normas estas "impostas a fim de beneficiar as populações embrutecidas das Favelas".

03 - O período fixo compreendendo 10 anos, findo o qual seria entregue a Escritura definitiva do imóvel.

O ano de 1970 é o ano da mudança do prefeito que se propôs a fazer em Aracaju, uma "racionalidade urbana" e para tanto negociou com a SUDENE/USAID recursos para refazer a cidade.

Em setembro de 1971, é inaugurado o Conjunto "Jardim da Esperança". De maneira um tanto quanto arbitrária, separamos os fatos da análise dos fatos isto pode ser interpretado como da exagerada importância, se levado para um certo empirismo, risco calculado, mas que assumimos o fracasso caso ocorra.

A questão da "outra escola" pode ser colocada, esquemáticamente, da seguinte maneira: a escolarização constitui uma batalha perdida pelas camadas populares no Brasil. Na verdade, esta afirmativa implica uma discussão da escolarização, das lutas de classes e formação de consciência. O trabalho de dissertação, pela sua natureza, obriga-nos a um corte no tempo e no espaço. Além disso, optamos por fazer uma redução no caráter explicativo ao adotarmos a análise de caso, daí por que nossas afirmações devem ser lidas, atendo-se a essas limitações.

Constata-se que as camadas populares, (representadas pelos dominados de uma maneira geral - operários, lavradores, empregados do setor de serviços, empregados / funcionários dos níveis mais inferiores da burocracia estatal e todos aqueles que se encontram no Exército Industrial de Reserva), a partir de vários estudos, estão fora da escola (analfabetismo, evasão, custos da educação - escola), - tanto no campo quanto na cidade. Isto nos leva a rastrear outra pista para a compreensão do ideológico na formação social brasileira.

Os homens têm necessidades concretas (alimentação, saúde, habitação) que precisam ser satisfeitas para que possam reproduzir se enquanto espécie e enquanto força de trabalho. É talvez pela porta das necessidades que passam os "projetos educativos" para as camadas populares. E a natureza do ciclo da alimentação e da saúde fez com que houvesse um deslocamento "natural" para a habitação. Estrategicamente, a habitação é a necessidade que pode ser trabalhada com mais vantagens do ponto de vista das relações de força.

A casa, o barraco, a invasão, o conjunto habitacional e o centro social constituem os locais por excelência, onde se efetivará o projeto educativo das camadas populares, como ação política, pois "em termos propriamente de ação, se não é uma ação dirigida à produção, é uma ação política."¹

É chegada a hora então, de pensarmos a educação como consciência de classe, e em seguida analisarmos o modo como a habitação pode representar um local de educação.

1 - GRAMSCI, A. Cartas do Cárcere. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira. 1978.

3.1 - A educação entendida como consciência de classe.

Todas as discussões encaminhadas até aqui levam nos a aprofundar a questão da consciência como uma questão importante, quiçá fundamental, no corpo da nossa dissertação. Como entendê-la?

"No espírito do marxismo, a divisão da sociedade em classes deve ser definida pelo seu lugar no processo de produção".² tomando como ponto de partida a citação acima, e ao aproximarmos-nos de nosso problema, verificamos que torna-se difícil ajustá-la à situação das camadas populares. Isto por que, nessas camadas, predomina a imprecisão quanto ao posicionamento em relação ao processo produtivo, e ainda pelo fato de existir uma pista para se falar de uma "classe em formação" com seus problemas teóricos específicos.

As forças motrizes reais da história são independentes da consciência (psicológica) que os homens têm delas. E a história é a história da transformação das formas de reunião dos homens em sociedade, formas que, a partir das relações econômicas objetivas, dominam todas as relações dos homens entre si (e, por conseguinte, também as relações dos homens consigo próprios e com a natureza).

Ao se resolver o dilema da consciência como falsa consciência, retirando-se da primeira qualquer papel decisivo no processo histórico, esquecemo-nos facilmente do papel da dialética em não se estabelecer oposições rígidas entre o verdadeiro e o falso. A falsa consciência tem que ser estudada concretamente como momento da totalidade histórica a que pertence, como etapa do processo histórico em que desempenha seu papel.

A dificuldade se acentua quando tentamos encontrar no indivíduo histórico empírico e na sua consciência dada

2 - LUKACS, G. História e Consciência de Classe. Lisboa. Publicação Escorpião.

empiricamente o concreto em questão, e quando imaginamos ter encotrado o mais concreto, mais distanciado estamos dele. Estudo concreto significa portanto, referência à sociedade como totalidade. Com efeito, sô nesta referência, a consciência que os homens podem ter a cada momento da sua existência se revela nas suas determinações essenciais, por um lado, como qualquer coisa de "adequado", e, ao mesmo tempo, como qualquer coisa que, objetivamente, é passageira relativamente à essência do desenvolvimento social, que não se conhece nem se exprime adequadamente como falsa consciência, portanto. Daí a reação adequada para se compreender uma situação típica no processo de produção, é a consciência de classe, a qual não seria nem a soma nem a média do que pensam/sentem os indivíduos que formam a classe, tomados um por um. É a consciência de classe junto com os interesses de classe que viabilizam a organização do conjunto da sociedade, a partir dos mesmos interesses.

"Com base nos pontos de vista indicados, não se pode dar uma tipologia histórica e sistemática dos possíveis graus de consciência de classe. Para isso, seria necessário em primeiro lugar estudar exatamente qual o momento do processo de conjuntura da produção afeta de forma mais imediata e mais vital os interesses de cada classe; em segundo lugar, em que medida é do interesse de cada classe colocar-se acima desta imediatidade, apreender o momento imediatamente importante como simples momento da totalidade real da produção. Com efeito, é perfeitamente claro que a consciência de classe deve tomar uma forma qualitativa e estruturalmente diferente conforme, por exemplo, se confine aos interesses do consumo separado da produção (Lupen proletariat romano) ou representa a formação categorial dos interesses, de circulação capital mercantil, etc".³

Cabe considerar aqui a questão da consciência de classe em (des)articulação com a questão da produção da educação. Mas, como a educação não é produzida em consonância com a questão da consciência de classe, e sim tal como realmente é, a partir da escamoteação da própria idéia de consciência, então esta idéia esfacela-se, pois o encaminhamento da questão da educação é feito pela burguesia, no sentido de transformar a falsa consciência em a "consciência". Continuar nessa direção, seria imaginar a história sendo feita sô pelos vencedores, pelos heróis, pelos dominantes, quando na verdade a linha de raciocínio conduzida até aqui não nos recomendaria a tal. Isto tem feito com que as camadas populares sejam levadas a acreditar na sua "sem-importância", e fazerem do projeto educativo burguês o seu projeto.

"A vocação de uma classe para a dominação significa que é possível organizar o conjunto da sociedade em conformidade com os seus interesses de classe a partir desses interesses, a partir da sua consciência de classe. E a questão decisiva, em última análise, de toda a luta de classes é: que classe dispõe, no momento preciso, de tal capacidade e de tal consciência de classe? Isso não elimina o papel da violência na história nem garante que os interesses de classe chamados a dominar e que são portadores dos interesses do desenvolvimento social tenham a sua vitória assegurada. Pelo contrário; em primeiro lugar, muito frequentemente as próprias condições da afirmação dos interesses de determinada classe são gerados por meio da mais brutal violência (por exemplo, a acumulação primitiva do capital); em segundo lugar, é precisamente nas questões de

violência, nas situações em que as classes se defrontam numa luta de vida ou morte, que os problemas da consciência de classe constituem os momentos finalmente decisivos".⁴

Uma questão que se nos aparece, ao fazermos a análise de um caso, é o de como situá-lo no contexto mais geral, que para nós seria mais apropriado falar de conjuntura fazendo um recorte para o Nordeste, pois é impensável a compreensão de um dado fenômeno, sem que se tente situá-lo no conjunto mais amplo numa formação social dada. Quando optamos pela análise de caso, tivemos que fazer um recorte no tempo, compreendido entre 1968 e 1978, mas esse tempo deve ser estendido não só para antes de 68 mas também para p^{ós} 78.

Uma pergunta bastante pertinente seria a do por quê esse salto para o Nordeste? E a nossa resposta buscaria na história encontrar as explicações para o por quê do "Jardim da Esperança" ter surgido no bojo de um conjunto de propostas da SUDENE para o desenvolvimento de Sergipe. A SUDENE⁵ surge na década de 60 como a agência a encaminhar o desenvolvimento para o Nordeste. Desenvolvimento este concebido como industrialização - o qual seria o carro chefe para os outros setores: o primário e terciário. No primário, a SUDENE aprovava planos, programas e projetos que fizessem avançar o capital sobre o campo: financiamentos para produção, compra de equipamentos agrícolas, introdução de adubos químicos, treinamento de agricultores e fazendeiros. Isto significou eliminar o que fosse não capitalista e atra

3-4-LUKACS, G. História e Consciência de Classe. Lisboa. Publicação Escorpião.

5 - Os estudos sobre o Nordeste a partir da análise de conjunturas, levou-nos a colocar a questão quase que esquematicamente na medida em que esses estudos dão conta, de uma maneira mais rigorosa, do assunto, por exemplo:

Francisco de Oliveira/A Economia da Dependência Perfeita, Rio de Janeiro, Graal, 1977.

Francisco de Oliveira/Elegia para uma Religião. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

sado, pois era preciso aumentar a produção e produtividade; no secundário, criava indústrias em todo o Nordeste, concentrando-as nos pólos de desenvolvimento a partir dos quais, como ondas do mar tangidas pelo vento, atingiriam todo o Nordeste; reequipar as velhas indústrias alterando a sua tecnologia para a tecnologia mais avançada, compatível com o mercado exportador, tecnologias aliás, pouco absorvedoras de mão-de-obra.

Além disso, essas indústrias deveriam ser implantadas onde elas não existissem. Como estas precisavam de um solo para fincar os seus ferros, "surge a necessidade" de espaços e cria-se um espaço adequado para a operação dessas indústrias. Espaço esse que deveria conter toda uma infra-estrutura (água, esgoto, luz, telefone, malha de estradas asfaltadas) a ser entregue aos agentes (empresários) que fariam e comandariam o funcionamento das referidas indústrias.

Estes espaços significativamente foram chamados de distritos industriais, e tinham que ser sobrepostos ao espaço existente, nas cidades do Nordeste, nas quais a ordenação do espaço obedecia a diferentes momentos históricos desde a colônia até aquele momento.

Era preciso organizar o espaço da cidade como um todo, para melhor situar o espaço destinado aos distritos industriais. A partir disso, tratores, soldados, economistas, assistentes sociais e sociólogos transformaram o solo urbano em mercadoria rara. Esse reestudo do espaço significou uma alteração de força entre as classes, pois agora deveria ser feito em nome do planejamento e da melhoria da cidade, uma alteração em todos os arranjos existentes para o morar.

Assim, os bairros operários ou locais onde habitavam as camadas populares transformaram-se em locais privilegiados para instalação de grandes projetos de "interesse público". Surgiram grandes avenidas, estádios de futebol, centros administrativos, e isso significou num primeiro momento uma derrota das camadas populares. Para estas camadas, o espaço significava anos e anos de trabalho contra a maré, contra as enchentes, aterrando com lixo os locais para construírem o barraco; isto é, aquilo que elas tinham conseguido depois de se organizarem e através

da ~~bar~~ganha do voto, estava perdido. Agora elas receberão uma casa, mas para tanto é preciso que reconheçam que não estão educados para morar e que deverão ser reeducadas, para aceitar a tutela do Estado.

Ao mesmo tempo em que ocorre esse avanço do capital sobre o espaço, o que antes constituía triunfo na barganha política, que era o voto, deixou de sê-lo, pois a vontade popular foi abolida do País pelo regime militar.

As camadas populares vêm-se então despojadas de tudo, sô contando com sua força de trabalho para a qual não tem comprador. A reprodução da força de trabalho está comprometida, a não ser que dentre os ítems fundamentais à reprodução, como alimentação, saúde, habitação, se encontre um que possibilite transformar/reverter o processo de consciência numa falsa consciência, e leve as camadas populares a se sentirem culpadas pela sua situação e a aceitá-la como natural.

Como todo solo urbano foi apropriado pela classe dominante, tornou-se portanto algo raro. Então, o acesso ao solo tornou-se uma dádiva, um presente das classes possuidoras via Estado, e para o qual se exigem certas condições, das quais se destaca o reeducar-se. O "Jardim da Esperança" surge e o próprio nome sugere um local onde se cultivam plantas para colher no futuro.

3.2 - Análise do caso - Como a habitação pode representar local de educação

O caso Jardim da Esperança nos parece importante, pelo seguinte motivo: é um plano piloto que envolve órgãos locais (Prefeitura Municipal de Aracaju), regionais (Superintendêcia do Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE) e internacionais (USAID). Este plano piloto, para Aracaju e para o nordeste brasileiro, constitui o único plano voltado para favelas/invasões até o ano de 1981, quando a Prefeitura inaugurará o conjunto Papa Paulo VI.

A tessitura da educação abarca um conjunto de manifestações e procedimentos muito mais amplos que extrapola a

separação da educação em formal e informal. Ao nascer ocupamos uma posição no mundo, com uma filosofia própria, filosofia que segundo Gramsci está na linguagem, no sendo comum e no bom senso e no que é vulgarmente conhecido como folclore.

Vamos tomar, ao acaso, a síntese dos depoimentos de dois moradores do "Jardim da Esperança", José Luiz Santos e Maria das Virgens. Analisando os depoimentos, constatamos a história de migração em número considerável de moradores, (a saída do campo em busca de condições melhores, como a história dos "Severinos" contada por João Cabral de Melo Neto).

Olhando para trás, constatamos em 1969, desde o primeiro levantamento, que é feito, para as áreas de favelas/invasões, o direcionamento educativo. O fato de se colocar pessoas questionando sobre o morar, (funcionárias da Prefeitura), anotando o nome, perguntando o sexo, procurando saber sobre filhos, sobre educação (se sabem ler), onde tomam banho, de onde bebem água, quantos metros tem o barraco, de que é feito, como é o chão do barraco, já implica não se sair impune de tal bateria de questões que representam uma "preocupação" institucional. É preciso pois aprender com esses interrogatórios. As questões não se referem apenas ao barraco que eles possuem, mas se estendem até o cotidiano de suas vidas. Daí porque é preciso também pensar sobre o que foi perguntado. A partir disso, os nomes deles estão na Prefeitura com os doutores. Para que? Eles têm a idéia de que não vão poder permanecer ali durante muito tempo. Esse levantamento tem continuidade com visitas preparativas para a mudança. É a triagem na qual é necessário fazer determinadas coisas: participar de reuniões, ouvir os doutores, ferver água para beber. É necessário pois alcançar a disciplina e certos saberes, coisa que a escola não fez nem poderia ter feito, pois a ela nunca tiveram acesso.

A discussão sobre educação exige como ponto de partida a crítica do mundo ideológico no qual estamos inseridos, mas a dificuldade se evidencia pelo fato de o tema ter-se convertido num universal abstrato: a educação é um direito de to-dos. Com isso, se escamoteia a questão das classes, ou dizendo que existem duas escolas (como Bourdieu), ou falando de escola

para todos, ainda separando o formal do informal.

Quando afirmamos que se escamoteia a questão das classes, estamos pensando nas camadas populares que não estão na escola⁶, e que se constituem a grande massa de analfabetos, desprovidos de tudo, ou de quase tudo, pois são desprovidos de uma força de trabalho. Essa força de trabalho que constitui a sua arma e vai ser também sua armadilha, pois será preciso recompor essa mesma força e para tanto a habitação é fundamental.

É bem característica a passagem de uma velha canção popular. "Eu não tenho onde morar, é por isso que eu moro na areia". Ocorre que as camadas populares ocupam as areias, e ocupam. Está é sua forma de luta, é sua estratégia de sobrevivência. No entanto, esse primeiro movimento da luta vai encontrar resposta por parte do Estado que é "violência concentrada e organizada da sociedade"⁷.

De 1964 até 1969, pelo que pudemos constatar, através do levantamento histórico, a iniciativa de luta foi das camadas populares, até por que, só a partir de 1968, é que Aracaju começa a receber um maior fluxo migratório procedente do interior, e então surge a resposta às invasões e favelas. Essa resposta se manifesta através da assinatura do convênio para a construção das 136 casa do Jardim da Esperança, e traz no seu bojo toda uma proposta educativa/reeducativa. A inadaptação do morador era constatada através de : a) sua ausência permanente no domicílio; b) o mau uso da habitação que prejudica a moral e o bem-estar dos comunitários; c) a proliferação de focos de prostituição, jogatins e atividades outras contrárias aos "bons costumes". Normas estas impostas a fim de beneficiar as populações embrutecidas das Favelas". Entre intenções que vão assinaladas em convênios, e a efetivação dessas mesmas intenções, há uma grande distância. Para diminuir esse espaço, apresentamos abaixo o resultado da avaliação do trabalho feito com as famílias, transferidas

6 - IUPERJ/INEP - RJ/março de 82 - 1º volume. O Estado da Arte da Pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil (1971-1981).

7 - MARX, K. O Capital, RJ - Ed. Civilização Brasileira.

das invasões/favelas para o Jardim da Esperança, entre os anos de 1971 (setembro) e 1972 (dezembro).

Avaliação

A avaliação⁸ foi feita depois de um ano e três meses de implantação do projeto, nos dias 16 e 17 de janeiro de um mil e novecentos e setenta e três, no Centro Comunitário D. José Vicente Távora, com a participação de 25 (vinte e cinco) pessoas e tendo como justificativa a "necessidade de avaliar o processo programático dos setores integrantes do PAJE durante o ano de 1972, e programar as atividades inter-setoriais para o ano de 1973, permitindo integração dos trabalhos".

Foi feita a avaliação através de reuniões com exposições e discussão em pequenos grupos, do qual participaram equipes técnicas dos setores: Coordenação Geral, Ação Comunitária, Aprendizagem e Serviço de Extensão Rural e Educação.

Ao setor de Coordenação Geral, encarregado de administrar o plano base a responsabilidade pelos meios (recursos financeiros, materiais e humanos), bem como a Coordenação Técnica. Na avaliação do setor, a questão que foi colocada com ênfase, foi a da integração necessária dos vários setores que ainda não foi conseguida pela Coordenação Geral.

Quanto ao setor Ação Comunitária, a avaliação começa com as técnicas próprias, reconhecendo-se, de imediato, que foram satisfatórios os seus efeitos, verificam-se deficiências na quantidade e não na qualidade dos encontros setoriais. Foram utilizadas as seguintes técnicas: reuniões, entrevistas, visitas e contatos.

8 - As informações aqui contidas foram retiradas de Relatórios de Avaliação do DSS/PMA - 1973.

Atividades Desenvolvidas:

- Encontros setoriais, numa tentativa de integrar as atividades e engajar a população nestas;
- Formação e orientação do Conselho Comunitário, possibilitando uma maior participação da população no Plano;
- Orientação ao grupo espontâneo, proporcionando maior integração grupal com reflexos positivos na comunidade;
- Orientação à comunidade para a solução dos problemas eventuais, proporcionando diminuição de tensão na comunidade;
- Entendimentos e contatos em instituições colaboradoras atendendo assim às necessidades do desenvolvimento do Plano.

Para tanto, foram utilizadas as técnicas de reunião, assembléias, entrevistas, contatos, visitas, etc.

Dentro da Ação Comunitária existiu coerência entre as atividades desenvolvidas e os objetivos do Plano. O "grau de responsabilidade e de reconhecimento da pessoa humana começou a ser despertado dentro da população". Houve, segundo a avaliação, compatibilização entre a teoria e a prática. Quanto às dificuldades encontradas, a nível administrativo, de uma maneira geral, o Plano atingiu seus objetivos, com alguns reparos quanto à estrutura da equipe que tem que ser melhorada, e quanto ao retardamento da liberação de recursos financeiros, para atividades que são exigidas pelos moradores (aterros, muros, etc.).

A nível:

"do contexto social, foram encontrados problemas provenientes da própria origem da população, tais como: o desinteresse e a falta de responsabilidade no cumprimento das atividades".

Ainda quanto à Ação Comunitária vale a pena destacar:

- Impacto do programa.

Tanto interna quanto externamente o programa teve boas repercussões.

Entretanto, no tocante às decisões, o grau de interesse pelo programa é relacionado com o seu conhecimento. Daí se verificar o retardamento de algumas decisões ou adiantamento de outras.

- Resultados.

Foram obtidos mais consciência, responsabilidade e participação da população no Plano, e por parte das equipes setoriais, prenúncio de um trabalho mais integrado, ou seja, consenso.

Quanto ao setor Saúde, as técnicas utilizadas se adaptam ao meio, e se trabalha com equipe treinada nos diferentes setores de ação, Técnicas usada: cadastramento, entrevistas, visitas domiciliares, cursos e vacinações.

Os resultados nos conduzem a dizer que em grande parte os objetivos foram alcançados, criticando-se apenas a falta de vacinas em determinado momento.

- Quanto à compatibilização entre a teoria e prática, foi observada, no início do trabalho, uma certa rejeição por parte da comunidade, quando das visitas domiciliares, uma vez que a população não estava habituada a esta metodologia de trabalho, sendo depois erradicado o problema. Pelo setor de enfermagem, através das visitadoras, conseguida a educação sanitária da população, tanto no campo quanto na Unidade, trazendo-a mais tarde para cursos e treinamentos, como foi o caso de parteiras e gestantes, diante da colaboração do Setor e Extensão Rural da ANCARSE.

No início, quando da implantação do plano, houve certas dificuldades/que foram sendo superadas no transcorrer do ano. O problema maior da equipe é tempo para dedicar ao plano.

- Impacto do Programa.

A equipe sente-se satisfeita pelo andamento da Unidade, pelos objetivos alcançados e ainda percebe-se que a comunidade sentiu-se realizada.

- Externamente.

A equipe sente-se satisfeita diante do trabalho realizado e face à boa repercussão causada na comunidade e adjacências.

Em termos de decisão administrativa, houve facilidades proporcionadas pela administração para execução das tarefas.

Os resultados conseguidos foram coerentes com o objetivo.

No tocante ao setor de aprendizagem e Serviço, os objetivos foram atingidos através de debates, visitas, demonstrações, entrevistas e reuniões. Os cursos e treinamentos alcançaram aceitáveis repercussões na comunidade. Contatou-se, contudo, uma certa dificuldade de mercado de trabalho. Nesse setor, as maiores dificuldades foram encontradas na área de material, pois foi dada prioridade a tarefas que não tinham nada a ver com a clientela, como também, em certos momentos, faltaram materiais de consumo. A metodologia utilizada promoveu a participação da população.

- Impacto do Programa:

Desde quando o Plano se conhece pelos Departamentos as solicitações formuladas são atendidas na medida do possível, o que deixa claro o valor atribuído ao programa.

Por parte do órgão outros tem sido satisfatória a respectividade do Plano, pela importância atribuída e facilidades proporcionadas.

Realização de 4 cursos, abaixo relacionados, evidentemente capacitação profissional para a população:

- Carpinteiro de Obras - 01
- Corte e Costura - 02
- Artesanato de Doces - 01

No setor de Extensão Rural, uma combinação de técnicas foi utilizada, tendo sido, entretanto, as de alcance de grupo, as que causaram maior impacto, considerando-se a oportunidade de acesso ao poder de decisão do grupo. As atividades desenvolvidas em sua maioria chamaram a atenção, motivaram, despertaram o interesse e houve a adoção de determinadas práticas (por exemplo, horta doméstica). As dificuldades encontradas foram de duas ordens: baixo poder aquisitivo e baixo nível educacional.

- Impacto do Programa:

Todo o impacto causado interna e externamente foi no sentido positivo.

Os resultados foram satisfatórios em sua grande maioria, graças ao alcance dos objetivos. No caso, foram realizados os seguintes cursos e treinamentos:

- 1º) Cursos: - Preparo de alimento - 01
- Copeira - 01
- 2º) Treinamentos: - Hortas domésticas -02
- Educação alimentar -02
- Higiene ambiental -01
- Higiene materno-infantil-01

No setor saúde e educação, as técnicas utilizadas foram adequadas, uma vez que proporcionaram aos alunos, escolaridade básica e integração na comunidade. Estas foram as técnicas: ensino programado, demonstração, diálogo, pesquisa, trabalho de grupo, observação, dramatização, excursão e reuniões o funcionamento da unidade de ensino, de modo geral, entusiasmou a comunidade.

- Dificuldades Encontradas.

No tocante à comunidade, observou-se a deficiência do poder aquisitivo, para compra de material didático indispensável, fardamentos etc.

.Foram encontrados bloqueios administrativos para a solução dos seguintes problemas: O II Material escolar insuficiente, ausência da merenda escolar pela falta de vasilhame, deficiência no motor da distribuição de água, inexistência do muro em volta do prédio, falta de uma área para ginástica.

- Impacto do Programa:

.Internamente, o conhecimento do Plano restringe-se muito mais aos técnicos de ação direta, contudo, as repercussões na comunidade satisfizeram.

. Externamente, manifesta-se um conhecimento parcial, face ao tipo de experiência desenvolvida. Segundo observação da equipe, os resultados foram satisfatórios, considerando o fato de as metas terem sido alcançadas, em termos de participação da população e do engajamento da equipe no Plano.

As conclusões finais da avaliação apontaram para as correções dos problemas e manutenção das metas do PAGE

Retomando o fio explicativo da categoria utilizada, isto é, expropriação/apropriação, as camadas populares, para se apropriarem da habitação (fundamental para a reprodução de sua força de trabalho), terão que pagar um alto preço por isso, que é sua expropriação simbólica, além de incorporarem as maneiras de ser de outras camadas: das camadas burguesias. E aí a questão central da nossa dissertação; a habitação como local de educação-torna-se mais clara, pois nos parece inadequado discutir a escola para as camadas populares ou mesmo ver na escola um importante aparelho ideológico para as camadas em estudo.

Pelo levantamento histórico feito para este caso especificamente, o plano de ação para o Jardim da Esperança contém elementos de aparelho muito mais fortes e visíveis do que a escola, com mais um dado de reforço, nenhum membro das famílias das favelas/invasões fica fora do plano. Há projetos para crian-

ças, jovens e adultos de ambos os sexos. Isso nos lembra, um pouco, o jogo de "esconde-esconde", no qual o importante continua escondido, na medida que todas as atenções estão voltadas para as políticas de educação do Estado, no que se refere à proposta para o primeiro, segundo, terceiro graus e alfabetização, mas quando se constata altos índices de evasão e repetência, altos índices de analfabetismo se deduz a falácia do sistema. O Estado tem propostas muito adequadas do lado da disciplina e do controle para as camadas populares. Porém uma pergunta poderia ser feita, é se, no atual quadro de relações de força, uma escola competente que cobrisse toda a sociedade favoreceria a quem? Respondendo a esta questão, nos parece que a atual escola funciona muito bem, para o capitalismo vigente na formação social brasileira.

Por outro lado, a habitação vai representar um palco estratégico da luta de classe, e o Estado apresentará para tanto um plano educativo, plano esse que se mostra, na teoria e na prática, altamente, desmobilizador das camadas populares, como se tentasse de arrancar os dentes de um cão ferroz, deixando-o capaz apenas para latir, e somente para latir. O caráter reformador dessa proposta aparece na conciliação ou proposta de conciliação entre capital e trabalho, fortalecedora de uma posição liberalizante, na qual as massas perdem o seu papel face a manipulações feitas pelas elites.

O espaço educativo se sobrepõe aos outros, pois ele é ocupado continuamente, e todos os moradores são chamados a participar dele. As reuniões são feitas semanalmente, e pelas atas abaixo, percebe-se o grande empenho que é feito para a participação das pessoas nas referidas reuniões, e não só isso, treinamentos e cursos estão presentes ao longo da programação anual.

Reunião

REUNIAO DE 13/11/73

"Objetivos: tomar ciência do andamento das atividades do curso de cabelereiro, inclusive, o questionamento dos pontos negativos apresentados para uma possível solução".

"agenda: - Averiguar o porquê da falta de frequência de alguns alunos;

- Verificar o grau de interesse, cooperação e aprendizagem de todos;

- Se há cumprimento das tarefas distribuídas pelo professor;

- Explicar a importância do desempenho do professor e alunos durante as aulas;

- Informar sobre o teste de avaliação na próxima terça-feira, 20 do corrente".

"... a estagiária elecdou que tem observado que tem observado, através visita ao curso, e em entendimento com os membros representantes, que alguns elementos não estão demonstrando interesse pela explicação das lições, ficando distraidamente fazendo outra coisa, pouco se importando com a aula dada, porém quando são solicitados a praticar, justificam a não aprendizagem. Acrescentando ainda que todos os cursos que se realizam no PAGE, visam à capacitação do pessoal, para um futuro engajamento no mercado de trabalho. Para atingir tal fim, é necessário que haja por parte dos participantes, força de vontade e grande interesse".

DATA: 24/09/73

"Objetivos: Conscientização sobre a necessidade participação de representantes do grupo cabelereiro no intergrupo profissional do PAGE".

OBS: Destaca-se uma preocupação com a frequência em todas as reuniões. Na avaliação, o problema desemprego é tocado apenas de forma secundária.

A questão: "Como se sente dentro do grupo? - apenas e elementos, ou seja, 11,12% afirmaram que não se sentiam bem por que não gostam do tipo de reunião", "por que chegam cansados e preferem dormir", "por que, não entendem o que é tratado nas reuniões". 24 pessoas, ou seja, 88,88%, disseram que se sentem bem principalmente por que "acham que fazer parte de um grupo como este é se desenvolver". Entretanto, dentre estes, 11 elementos informaram que realmente se sentem bem nas raras vezes que aparecem". Com isso, a estagiária pôde observar que tal resultado é consequência da não compreensão dos membros a respeito do objetivo do grupo. Por outro lado, nota-se que, mediante as respostas, os elementos entrevistados consideram "participar ativamente" como sendo apenas frequentar todas as reuniões. Contudo, a estagiária tentou mostrar que participar não é somente isso, mas trabalhar em prol da comunidade mesmo que não tenha condições de frequentar todas as reuniões.

Treinamento

PREFEITURA MUNICIPAL DE ARACAJU
DEPARTAMENTO DE SAÚDE E SERVIÇO SOCIAL
DIVISÃO DE SERVIÇO SOCIAL
PLANO DE AÇÃO DO JARDIM DA ESPERANÇA

PROGRAMA

TREINAMENTO PARA O CONSELHO COMUNITÁRIO

PERÍODO: 23 a 27/04/73

LOCAL: Centro Comunitário D. José Vicente Távora
Jardim da Esperança

HORA: 20 horas

TEMÁRIO

DIA 23 - O Conselho Comunitário e sua função na Comunidade. (Aspectos legais e funcionais do Conselho)

DIA 24 - O Papel da Diretoria no Conselho Comunitário - Como dirigir uma reunião.

DIA 25 - O Papel da Diretoria no Conselho Comunitário - Documentação (Secretaria e Tesouraria).

DIA 26 - Liderança e Comunicação.

DIA 27 - Avaliação
- Avaliação do Treinamento.

A luta de classe é a grande forjadora da consciência de classe. No entanto, isso lido de forma isolada soa mecanicamente. Se atentarmos para o caráter de força e de relações dessas mesmas forças, percebemos avanços e recuos tanto das camadas burguesas, quanto das camadas populares. Se no primeiro momento, as camadas populares tomam a iniciativa, invadindo e ocupando determinados espaços urbanos, o segundo momento é das camadas burguesas. Praticamente, nós voltamos o nosso olhar para esse último, no qual é pensado um conjunto de práticas educativas, com o objetivo de expropriar as camadas populares, de suas idéias, propondo, em contra-partida, idéias que são suas (próprias das camadas burguesas). Nessa luta, há ganhadores e perdedores momentâneos, pois os "definitivos", a história ainda apontará.

A prática educativa nas propostas para o "Jardim da Esperança" reproduzem, à sua maneira e conforme os diferentes momentos históricos nacionais, as contradições dessa mesma formação social brasileira. Essa prática será reformulada quando o quadro político brasileiro é alterado, quando se recomeça a falar de eleição direta para governador, quando fica definida por fim a eleição. Em setembro de 1981, a Prefeitura volta a falar de "Jardim da Esperança", e entrega uma praça à população em 4 (quatro) dias, quando essa mesma praça era reclamada pelos moradores desde 1971. Agora o discurso é de aproximação com as camadas populares, distribuição de presentes e de favores.

Daí podemos inferir que a prática educativa, apesar de contar com uma relativa autonomia, só poderá ser substancialmente reformulada no interior da radical mudança da sociedade.

Disso tudo, se sobressai uma questão que, sem dúvida alguma, constitui a questão de fundo da nossa dissertação: quem desempenha o papel de educador para as camadas populares? Em seguida, como as camadas populares vêm a escola? Parece-nos que o encaminhamento dessas respostas tem bastante importância do ponto de vista teórico/prático. Na medida em que nós avançamos, na análise histórica do surgimento do "Jardim da Esperança", descobrimos também, ao mesmo tempo, o surgimento de uma pedagogia que se faz presente no levantamento sócio-econômico, para o qual convergem as questões sobre a casa, as condições de higiene, escolaridade, renda, etc.

Essa pedagogia continua na preparação de mudança para o "Jardim da Esperança", através de reuniões e visitas domiciliares. Tal procedimento pedagógico se fortalece no PAJE, conforme observamos na avaliação feita em 1973.

A questão levantada sobre quem é o educador pode ser respondida da maneira seguinte: a Prefeitura Municipal de Aracaju, ao executar o plano elaborado a nível da SUDENE, assume então o papel do educador para as camadas populares.

Não nos parece que as camadas populares neguem a escola, nem seus valores, nem mesmo que a considere indesejável. O que se nos apresenta é uma escola pública, na qual, para não haver evasão maior do que a que existe, a merenda escolar tornou-se a sua coisa mais importante. Mas, mesmo assim, a merenda não consegue conter a evasão, e a educação vai ser aquela que medeia um conjunto de mecanismos educativos que, no caso do "Jardim da Esperança" fará parte do dia a dia do morador. Portanto, não são os mecanismos educativos propriamente ditos, como sala e horário escolar, os responsáveis pela educação das camadas populares, mas todo o espaço e horário no qual se inserem os moradores do conjunto.

C O N C L U S Ã O

Esta dissertação demorou mais tempo do que o desejável. A própria demora na realização do trabalho lhe foi benéfica, tendo em vista a previsão de que certos pressupostos afluíam durante as investigações, afluíram bem mais facilmente com a concretização das eleições em 1982. Quando elaboramos nosso projeto em inícios de 1980, não imaginávamos, naquele momento, as transformações que ocorreriam a nível das relações de força entre a sociedade civil e o Estado nos três anos que se sucederiam. A nossa proposta de análise de caso já de "per si" não nos permitiria generalizações, no entanto, o caso escolhido exigia que aguardássemos novos fatos que se demonstrariam não tão novos como veremos.

A idéia central do nosso trabalho era a de que a escola constituía uma batalha perdida para as camadas populares, ou de outra forma, a escola não constituía o palco privilegiado pela burguesia para a produção da consciência e que era preciso buscar/vislumbrar esse palco, como forma mesma de entender o "problema"- educação no Brasil.

Preocupava-nos as camadas populares enquanto expressão significativa da classe dominada, que estava fora da escola (evasão/não ingresso). O caminho foi tomar a história entendida como registro da forma como os homens produziram sua subsistência. O ponto de partida dessa história são necessidades básicas: alimentação, moradia e saúde. Alimentação e saúde, por natureza não possibilitavam um trabalho mais demorado e adequado. Isto não acontece quando se toma a questão da moradia.

Como pesquisa exploratória, o resultado deve mostrar uma direção que nos parece ser possível vislumbrar quando diante do conjunto de fatos que lastreou o surgimento do "Jardim Esperança". Mas os fatos por si sós não nos dizem nada, ou dizem sobre uma realidade, que não é auto-explicável, isto é, precisa ser explicada. Na análise de caso, a pesquisa exploratória deve ter como resultado um hipótese.

O Estado transforma a terra em mercadoria de preço inacessível. O Estado é quem exerce a força coletiva da

burguesia, que, por ser uma das classes fundamentais, detêm a hegemonia, pois ela está no centro da organicidade do todo, dando a direção e mantendo o domínio da produção e da organização política.

Retomando o problema da documentação utilizada, é preciso esclarecer, de imediato, que a classe dominada não deixa documento, ou dito de outra forma, a documentação é elaborada pela classe dominante, e o nosso esforço foi o de encontrar a história que levanta as contradições passadas nos documentos.

Essas contradições apontam a história do movimento das camadas populares em direção a uma consciência, que vai sendo forjada a partir da luta pelo que possibilita a reprodução dessas mesmas camadas. E o arranjo que ocorre está calcado nos elementos que tentaremos descrever.

A separação que é dada pela divisão social do trabalho, entre trabalho manual e trabalho intelectual, é re-trabalhadas nas camadas populares de tal forma que escola "é negócio para filho de doutor" e que o importante é garantir o que comer e um buraco para morar. A enxada é a "caneta do trabalhador", a escola não é vista como sendo para o trabalhador, mas o lugar para quem tem as "mãos finas". Isso estabelece uma aparente autonomia do trabalho intelectual face ao trabalho manual, o que garantirá aos "pensadores", que circundam a questão habitação, um papel estratégico junto às camadas populares.

Os grupos políticos, fazem das "casas populares" cavalo de batalha, para ampliação do poder (em troca de votos). Os assistentes sociais têm, nos centros sociais, locais privilegiados para a "formação" das camadas populares, e o padre tem na igreja o local centro de difusão de idéias. Essa aparente autonomia do trabalho intelectual aparece como autonomia dos trabalhadores intelectuais, que por seu lado aparece como autonomia do resultado do trabalho dos trabalhadores intelectuais, que são as idéias.

Essas idéias autonomizadas são as idéias da classe dominante de uma época, e vão aparecer como dominação das

idéias sobre os homens, e não dominação de homens sobre homens. Isso se torna mais claro quando refletimos sobre as idéias que são transmitidas sobre invasão/favela: a idéia de casa contraposta a de barraco. A divisão da sociedade em classes se realiza como luta de classes e a ideologia é um instrumento de dominação de classe. Não devemos entender essa colocação como algo mecânico e unilateral, pois as camadas populares adotam procedimentos para diminuir ou destruir a dominação. A casa obtida pode representar uma fórmula de se acumular algum dinheiro passando a casa adiante e retornando à invasão.

A dominação e a exploração da classe dominante não podem ser percebidas como tais. É preciso esconder a luta de classes, a casa,, ou melhor, uma idéia de casa da classe dominante. A idéia sobre utilização do espaço urbano, é transmitida com o intuito de universalizá-la, para que perca dessa maneira a roupagem da classe que a gerou, a qual se apropria dos seus resultados. As camadas populares vão tomar a desigualdade como causa de sua situação social. Deus ou a Natureza os fez desiguais e, conseqüentemente, a situação tem que ser resolvida a partir de promessas e de paciência.

A casa é uma mercadoria, e toda mercadoria é um fetiche, uma coisa que existe em si e por si, e que tem uma força estranha sobre as pessoas. Isto implica que, além de constituir um dos itens fundamentais à reprodução da força de trabalho, a casa possibilita um espaço mágico ideal para a formulação de projetos educativos, que, no fundo, representa o espaço formal de educação das camadas populares.

Chamar o espaço casa, neste contexto, como um lugar para a educação informal, parece novamente escamotear as relações concretas, pois este é o espaço possível onde se vai alfabetizar e aprender boas maneiras, onde as camadas populares aprenderão um ofício e aprenderão a ser disciplinados. As coisas nesse plano se misturam, mas em última instância, o controle é feito a partir da casa.

Toda ideologia é uma atividade da consciência

social. A educação não cai do céu. Ela "nasce" dos homens, mas não dos homens isoladamente, mas dos homens enquanto classe ou fração de classe, com interesses concretos, marcados pela luta na qual a classe dominante fará da expropriação sua arma fundamental, tal expropriação não é só para tirar "mais-valia", mas também para transformar em contingente tudo que "é" das camadas populares.

No caso "Jardim da Esperança", a expropriação em alguns momentos aparecerá até como apropriação. O surgimento de invasões, como a do Japãozinho e, particularmente a do mercado, representa uma contrapartida do candidato a prefeito, naquele momento, face aos votos conseguidos. Na fase populista, as camadas populares são utilizadas como "massa de manobra" importante. É preciso fazê-las crer que são cúmplices do poder e aí o trabalho educativo é feito mais via invasão/favela, por seu lado, desencadeará uma reação em determinadas frações de classe da classe dominante, que começará a exigir a higiene da cidade. Isto, no novo rearranjo de forças que ocorrerá a partir de 64, tomará o nome de planejamento urbano.

O ano de 1981 significará uma retomada, por parte dos moradores do "Jardim da Esperança", de um poder perdido que era o de votar, ao mesmo tempo em que a fração dominante reinventará a importância do povo como discurso e refaz o "Jardim da Esperança", até então abandonado. De repente, em uma semana, é feita uma praça e asfaltada a rua principal, culminando com a afirmativa do prefeito, em abril de 1982, quando afirma que era hora de os moradores do "Jardim da Esperança" terem posse e domínio de suas casas.

O que nos leva a concluir que as propostas da classe dominante em termos educativos, são sempre desmobilizantes para com a classe dominada.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Básica

- ASSMANN, Hugo; SANTOS, Theotonio dos; CHOMSKY, Noam. A Trilateral. Nova Fase do Capitalismo Mundial. Petrópolis. Vozes, 1979.
- BAUDELLOT, Christian; ESTABLET, Roger. L'école capitaliste en France. Paris. Maspero, 1974.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Perez. Os métodos da história. Rio de Janeiro. Graal, 1979.
- CARDOSO, Miriam Limoeiro. Ideologia do desenvolvimento. Brasil JK - JQ. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1968.
- CASTELLS, Manuel. La Cuestión Urbana. México. Siglo Veintiuno editores S.A. 1977.
- _____. Cidade, Democracia e Socialismo. Rio de Janeiro. Paz e Terra 1980.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. O que é Ideologia. São Paulo. Brasiliense. 1980.
- ENGELS, Friedrich. Anti-Dühring. São Paulo. Cultura Brasileira. S/D.
- GRAMSCI, Antonio. Gramsci dans le texte. Paris. Ed. Sociales. 1975.
- _____. Maquiavel, A política e o estado moderno. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1976.
- _____. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1978.
- _____. Cartas do cárcere. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1978.
- _____. Concepção dialética da história. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1978.

- GUIMARÃES, Alba Zaluar (organizadora). Desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves Editora. 1975.
- IANNI, Octavio. Estado e planejamento econômico no Brasil. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1979.
- KOWARICK, Lúcio. A Espoliação Urbana. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1980.
- LUKÁCS, Georg, História e Consciência de Classe. Lisboa. Publicações Escorpião. 1974.
- MANFREDI, Silvia Maria. Política: educação popular. São Paulo. Ed. Símbolo. 1978.
- MARICATO, Erminio (organizador). A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial. São Paulo. Ed. Alfa-Omega. 1979.
- MARX, Karl. O capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira. 1971.
- _____. O 18 brumário e cartas a Kugelmann. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1974.
- _____. Contribuição para a crítica da economia política. Lisboa. Editorial Estampa. 1971.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo. Ed. Grijalbo. 1977.
- _____. Textos volume 2. São Paulo. Edições Sociais 1976.
- _____. Textos volume 3. São Paulo. Edições Sociais. 1976.
- NUNES, Edson de Oliveira (organizador). A aventura sociológica Rio de Janeiro. Zahar. 1978.
- NENES, Guida. Favela - Resistência pelo direito de viver. Petrópolis. Vozes. 1980.
- OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, Nordeste, planejamento e conflito de classes Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.

- _____. A economia da dependência imperfeita. Rio de Janeiro. Edições Graal. 1977.
- SANTOS, Luiz Alberto dos/PEREIRA, Flávia Yuli Tanaka/MUÑOZ, Jorge. Produção da Consciência na Ideologia Alemã. Rio de Janeiro. Mimeografado. 1979
- VALLADARES, Lícia do Prado. Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Zahar. 1978.
- VALLADARES, Lícia do Prado (organizadora). Habitação em Questão. Rio de Janeiro. Zahar Editores. 1980.

Bibliografia Específica ao Problema Habitação

- A CONSTRUÇÃO habitacional no Brasil. Rio de Janeiro, BNH-IDEGCIPHAB. 1971.
- A JORNADA de um banco habitacional para dentro do problema urbano IN: Mundo Econômico. São Paulo, 1973, v.5, ago. nº 9, p. 86-9.
- BEZERRA, Daniel Uchoa Cavalcanti. Alagados, mocambos e mocambeiros. Recife. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. Imprensa Universitária. 1964.
- BORDET, Claude. A batalha da habitação. IN: Revista de Administração Municipal. Rio de Janeiro, 1962, nº 50, jan./fev. p. 5-15.
- BULGARELLI, Waldirio. As cooperativas e o plano nacional de habitação. São Paulo. Pioneira, 1966.
- CANTANHADA, Plínio de. O problema da habitação sob o aspecto econômico-financeiro. IN: IDORT. Revista de Organização Produtividade. São Paulo, 1942, jun., nº 126, p. 13.15.
- COSTA, Rubens Vaz da. O que há por trás das críticas ao Plano Nacional de Habitação. IN: Mundo Econômico. São Paulo, 1973. v. 5, ago. nº 9, p. 90-4.
- CÔNICO, Domingos. Casa Popular e estrutura urbana. IN: Cadernos do CEAS. Salvador, 1975, jul./ago. nº 38, p. 6-18.

- DUPRAT, A. L. O problema da habitação no Brasil. IN: Revista de Administração Municipal. Rio de Janeiro, 1963 n° 56, jan./fev. p. 28-33.
- FISCHLOWITZ, Stanislaw. Política habitacional. IN: Revista do Serviço Público. Rio de Janeiro, 1964, vol. 96. n° 4, out./dez., p. 26-37.
- FREIRE, Gilberto. Mocambos do Nordeste - algumas notas sobre o tipo de casa mais primitivo do Nordeste do Brasil, Rio de Janeiro. Ministério de Educação e Saúde.
- HABITAÇÃO - 2 milhões de residências. IN: Planejamento e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 1974. Ano 1, fev. n° 8, p. 43-51.
- IORIO, Oswaldo. A correção monetária nos financiamentos habitacionais brasileiros. IN: Análise e Perspectiva Econômica. A economia brasileira e suas perspectivas. Rio de Janeiro. Jul. 1973. vol. 12, p. 243-245.
- MANCINNI, Luís Carlos. Algumas indicações sobre o problema da habitação. IN: Notícias Municipais. Rio de Janeiro, 1958, jan. fev., n° 26, p. 4-15.
- MARTINS, Luiz Dodsworth. Casa e Salário, IN: IDORT. Revista de Organização e Produtividade. São Paulo, 1942. jun. n° 126, p. 4-10.
- MERA, Adina. O planejamento da Habitação. IN: Revista de Administração Municipal. Rio de Janeiro, 1963, n° 61, nov/dez. p. 423-442.
- MONTEIRO, Nelson Correa e MANCINNI, Luís Carlos. Aspectos sociais da habitação popular. IN: Revista Brasileira de Municípios. Rio de Janeiro, 1952. out./dez., n° 20 p. 594-5.
- O PLANO Nacional de Habitação Popular (PLANHAP). IN: Conjuntura Econômica. Rio de Janeiro, 1974. vol. 28, mar. n° 3, p. 72-79.
- PERLMAN, Janice E. O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Trad. Waldivia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.

PLANO da Normalização de Interesse da Construção de Habitações. Rio de Janeiro, Convênio BNH-ABNT, 1973.

SULEMBERGER, Sergio. Como resolver o problema da habitação popular. IN: Revista de Administração Municipal. Rio de Janeiro, 1976. v. 23. jul./ago., nº 137, p. 16-26.

TABAK, Fanny. Política habitacional y de desarrollo urbano en el Brasil. IN: Revista Interamericana de Planificación. Bogotá, 1973. vol. 7, set., nº 27, p. 135-151.

UTRIA, Rubén. El problema de la vivienda en el contexto del desarrollo latino americano. Santiago de Chile. División de Assuntos Sociales de la CEPAL.

VIDIGAL, Alcyr de Madeira. Habitação Popular - problema fundamental. IN: Revista do Serviço Público. Rio de Janeiro, DASP, 1949. v.3, ago. nº 2, p. 67-70.

Jornais

Gazeta de Sergipe.

Jornal de Sergipe.